

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL N° 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

JACQUELINE PEREIRA WIEDEMANN

TIBET:UM PAÍS SOB O JUGO DA OPRESSÃO

Monografia apresentada ao curso de Bacharelado em História da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito básico à obtenção do grau de Bacharel, sob a orientação da Professora Doutora Rosângela Patriota Ramos.

Universidade Federal de Uberlândia

Uberlândia, Abril de 2002

1585

S.9
(0)

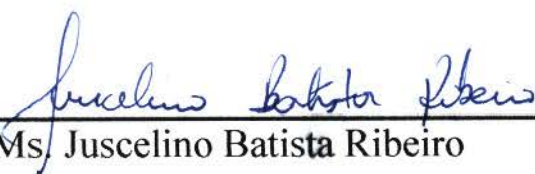
Da mesma forma, desde que tenhamos conhecimento e nos mantenhamos conscientes do fato de que dispomos desse dom maravilhoso da inteligência humana bem como de uma capacidade de desenvolver determinação para usa-la em termos positivos, em certo sentido dispomos dessa saúde mental básica. Uma força latente, que deriva da nossa percepção desse imenso potencial humano. Essa percepção pode atuar como uma espécie de mecanismo integrado que nos permita lidar com qualquer dificuldade, não importa que situação estejamos enfrentando, sem perder a esperança nem afundar no ódio.

S.S. Dalai Lama

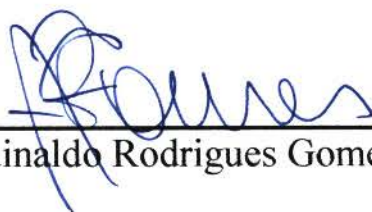
BANCA EXAMINADORA



Profa.Dra. Rosangela Patriota Ramos (Orientadora)



Prof.Ms. Juscelino Batista Ribeiro



Prof Ms.Aguinaldo Rodrigues Gomes

Uberlândia, Abril de 2002.

AGRADECIMENTOS

Lembrando a afirmativa de Sócrates, de que “a alma e a inteligência são Deus dentro de nós”, agradeço em primeiro lugar a Deus dentro de nós”, agradeço em primeiro lugar a Deus por essa manifestação e pela oportunidade de encontrar o meu caminho.

Agradeço a todos os que, de uma forma ou de outra, por acreditar em mim impulsionaram-me nesta trajetória, tornando possível esta monografia.

Aos meus pais por terem me transmitido a inquietação e a curiosidade diante do novo.

De uma forma especial, agradeço a Profa. Rosângela Patriota , que me orientou nesta monografia e me auxiliou sempre que precisei de ajuda.

E agradeço a você, leitor, pela oportunidade de entrar em sua vida.

SUMÁRIO

Introdução	07
Capítulo 1 História e Cultura da China.....	17
1.1 As Dinastias: Ascensão e Queda.....	22
1.2 Mao Tse Tung	27
 Capítulo 2 A Revolução Chinesa e seu impacto sobre o Tibet..	34
 Capítulo 3 Resistência: Tibet em Desenvolvimento.....	44
3.2 Dalai Lama: Resistência ao Arbítrio	51
3.3 Tenzin Gyatso e a filosofia tibetana.....	54
3.4 O Dalai Lama e a sua obra.....	60
 Conclusão	71
Bibliografia	75

Introdução

Segundo Daniel Aarão Reis Filho¹, a China Popular sob inspiração da União Soviética tentou reviver os sonhos de um grande Estado, cuja ideologia decretava a morte da burguesia em nome do “poder popular”, que acabou sendo confundido com o poder de membros do partido.

Para Holien Gonçalves Bezerra², o processo revolucionário da China abalou profundamente a estrutura social do país, e encontrou sentido e forças no âmago da história de seu povo.

A proclamação da República Popular da China (RPC) surpreendeu o mundo, e em especial os Estados Unidos e a URSS no final da década de 40.

Os Estados Unidos negaram o reconhecimento diplomático ao governo revolucionário, e tentaram isolar a nova República no contexto das nações.

— Mas a Rússia se veria obrigada a manter relacionamento com os comunistas chineses que escapavam de seu controle e não lhe inspiravam confiança.

Internamente a situação da China era complicada, pois desde meados do século XIX, estivera convulsionada por guerras de diversos tipos, além de sofrer a ação impiedosa e predatória das potências estrangeiras.

No campo havia fome e miséria generalizadas, alastravam-se o banditismo e a insegurança, eram precários o comércio com as cidades que, em certas regiões não se realizavam mais. Estavam em colapso as obras hidráulicas e sanitárias, o armazenamento de reservas de sementes e cereais, que eram cruciais para a economia camponesa estava acabando.

¹ REIS FILHO, Daniel Aarão. *A Construção do Socialismo na China*. São Paulo, Brasiliense, 1981.

² BEZERRA, Holien Gonçalves. *A Revolução Chinesa*. São Paulo, Atual, 1987.

Nas cidades, a situação não era mais confortável porque havia desemprego e gangues que ameaçavam a população, além do inchamento urbano devido ao fluxo de refugiados de guerra.

Diante desse quadro crítico a “burguesia nacional” e a intelectualidade urbana do país estavam apoiando a idéia de “salvação nacional”. Mas não simpatizavam com a idéia do socialismo.

Nos campos, os soldados comunistas eram recebidos com simpatia pela população local³ sempre desprezada pelo Império. As cidades ofereciam resistência ao comunismo na medida em que os comunistas não tiveram tempo hábil para desenvolver um trabalho político mais sério com a população.

Para enfrentar essas contradições Revolução Práxis X Idéias Revolucionárias, Mao Tse-Tung dispunha de alguns trunfos: o prestígio que o Exército Vermelho possuía, o enraizamento político expressivo no campesinato chinês, e a experiência do governo em áreas libertadas. Para manter o poder era preciso conciliar as aspirações do povo e, em especial os camponeses que ansiavam por uma reforma agrária.

A guerra civil alastra-se em 1945 e 1947 e os comunistas instalam um governo provisório. Decretam a reforma agrária, denominam suas tropas de Exército de Libertação Popular (ELP) e, apesar da ajuda americana ao Kuomintang⁴, ampliam o domínio nas áreas rurais e nas pequenas e médias cidades.

Em 1949 conquistam cidades importantes estrategicamente como Nanquim e Pequim. Proclamam a nova República Popular da China em 1º de outubro de 1949 e forçam a retirada do governo e do exército do Kuomintang para Taiwan (Formosa). A conquista do território chinês foi completada em 1950.

³ Muitas regiões sobretudo o Sul e o Oeste da China (Yunan, Cantão, Chong Qing) quase não ofereceram resistência ao Exército Chinês. Malnutridos, maltratados, malcuidados, os soldados camponeses desertavam passando com armas e bagagens para o lado comunista. Estes os acolhiam, os alfabetizava e os politizava.

⁴ Sun Yat-Sen, o fundador do partido, tem em seus horizontes uma revolução na linha da democracia burguesa de tipo ocidental. Ele acreditava que seu partido seria, a forças transformadoras de que a China necessitava. Holien Gonçalves. A Revolução Chinesa. Op.cit.

A missão gigantesca de Mao Tse-Tung era modernizar um país composto predominantemente por agricultores e, sob esse aspecto, encontrou muitos desafios provocando a insatisfação das Forças Armadas (em especial dos generais).

Eric Sachs sobre a Revolução Chinesa escreveu:

“A Revolução Chinesa, venceu como uma revolução agrária. O proletariado chinês, que teve um papel de destaque até 1927, aproximadamente, foi derrotado e sangrado em seguida pela repressão violenta de Chiang-Kai-Chek e não teve papel maior nas lutas posteriores. A Revolução Chinesa foi do campo para as cidades e o elemento ativo e fisicamente liderante era o camponês”.⁵

Para a expansão da China Comunista era preciso ampliar o seu domínio, conquistando novos territórios. Eliminar o “perigo” Imperialista invadindo os países vizinhos estendendo o domínio comunista.

Em 1950 o Exército Vermelho invadiu o Tibet, que era militarmente precário, causando grande descontentamento da população.

- O Exército de Libertação Popular tinha como objetivo oficial libertar o Tibet de dois “demônios”: o primeiro era as forças imperialistas Ocidentais que se encontravam em seu território⁶, o segundo era “um sistema medieval feudal que escravizava as massas tibetanas”.

Para os chineses, o Tibet pré-1950 era o “inferno na terra”, dominado por exploração feudal e opressão.

O sistema social tibetano tradicional, em rigor antes da invasão estava longe de ser ideal. O Tibet era uma sociedade teocrática, liderada por um “Rei-Deus” que

⁵ SACHS, Eric. Qual a Herança da Revolução Russa? Salvador-Ba, Editora Práxis, 1987, p=65.

⁶ No momento da invasão existiam 6 estrangeiros: 1 missionário, 2 operadores de rádio britânicos, 2 austríacos sendo um Heinrich Harrer (autor de Sete Anos no Tibet) e um russo refugiados dos campos de internação da Índia durante a 2ª Guerra Mundial.

exercia autoridade total sobre seus súditos, e com grande concentração de poder e riqueza nas mãos dos mosteiros e dos altos Lamas. Além dos camponeses e nômades não tinham nenhuma participação na vida política do país. Enfim, a estrutura tradicional do Tibet pode ser considerada medieval e feudal⁷, e a necessidade de reformas já havia sido detectada pelos próprios tibetanos, antes da interferência chinesa. Mas a necessidade de reformas sociais não justifica a agressão de uma invasão militar chinesa.

Nas palavras do atual Dalai Lama:

*“[...] reformas nos sistemas social, econômico e político são necessárias no Tibet. Nós não desejamos disfarçar o fato de que a nossa é uma sociedade antiga e que devemos introduzir mudanças imediatas de acordo com os interesses do povo. [...] é meu desejo sincero que o sistema de posse de terra seja radicalmente mudado, sem demora, e grandes latifúndios deveriam ser adquiridos pelo governo, sob pagamento de compensação, para serem distribuídos entre os que cultivam a terra.”*⁸

Os chineses consideravam que não havia nada de positivo na “supersticiosa” cultura tibetana, que mantinha o povo “alienado e atrasado”. Já ~~para~~ os tibetanos, antes da invasão chinesa, o Tibet era um país que oferecia ~~ao povo a~~ liberdade de praticar a religião e suas tradições.

O nacionalismo tibetano ressurgiu com força em 1959, resultando numa sangrenta e fracassada rebelião contra o domínio chinês, a revolta foi duramente

⁷ Estima-se que um terço das terras aráveis estavam nas mãos dos mosteiros. E eram cultivadas por camponeses que viviam quase no sistema de servidão. A maior parte da produção era entregue aos altos Lamas e aos donos da terra (nobres) e muitas vezes os camponeses não podiam deixar a terra sem a permissão do seu “senhor”.

⁸ Declaração à imprensa, Mussoorie, Índia, 20 Junho de 1959.

reprimida por Peng Dehuai⁹, por julgar que ela aumentava o perigo de uma insurreição na própria China¹⁰.

Em 25 de maio, uma professora da Universidade de Pequim afixa um cartaz:

“Abaixo a política elitista do reitor, os resultados escolares e as ciências estrangeiras”.¹¹

Seguem-se outros ataques contra o academismo, o saber “burguês” e seus lacaios.

Milhares de pessoas foram mortas e o Dalai Lama foi obrigado a fugir para a Índia, exilando-se na cidade de Dharamsala juntamente com 100 mil seguidores.

A repressão chinesa voltou ao Tibet durante os anos da Revolução Cultural (1966-1976), período em que o governo chinês esteve controlado pelas facções mais radicais e sectárias do partido comunista¹².

As maiores expressões culturais foram praticamente banidas do país e a maioria dos templos e mosteiros foi destruída ou fechada.

Segundo o relatório publicado pelo Centro Tibetano para os Direitos Humanos e Democracia¹³, ao longo desses anos de ocupação estima-se que quase um milhão de tibetanos foram mortos, torturados ou reduzidos ao estado de completa miséria.

⁹ General que dirigiu o Exército Vermelho depois de Zhu De desafia Mao no Jiangxi em 1959 (Grande Salto). YVES CHEVRIER: *Mao e a Revolução Chinesa*. São Paulo, Ática, 1996.

¹⁰ Depois disto o Governo Chinês impôs ao Tibet o chamado “Acordo dos 17 pontos” para a libertação Pacífica do Tibet.

¹¹ CHEVRIER, Yves. *Mao e a Revolução Chinesa*, São Paulo, Ática, 1996. p. 133.

¹² Em 1966, Mao lança em sua guerra contra o aparelho do partido a jovem geração dos colégios e universidades, que ele conclama a “refazer” a revolução. Os guardas vermelhos respondem ao fanatismo e uma violência que levarão a desordens sangrentas e à reação de 1967-1968. Se a divindade fosse medida pelo entusiasmo das multidões, Mao na época teria sido um Deus.

¹³ Centro Tibetano para os Direitos Humanos e Democracia. “*Behind Bars: Prison Conditions in Tibet*”, Dharamsala, 1998.

A política chinesa de controle forçado da população e de incentivo à imigração chinesa já transformou o povo tibetano em minoria étnica dentro de seu próprio país.

Com o fim da Revolução Cultural e a morte de Mao Tse Tung, o povo tibetano nos anos 70 e 80 desfrutou de uma maior liberdade política, religiosa e cultural devido ao "Processo de Libertação" iniciado na China.

Em 1978 o Panchen Lama¹⁴ apareceu em público pela primeira vez desde a prisão de 64; grande número de tibetanos presos na revolta de 59 foram libertados e no final dos anos 70 Deng Xiaoping iniciou diálogos com o Dalai Lama declarando que desde que os tibetanos não exigissem independência ele estaria aberto para negociar todos os outros pontos relativos ao Tibet.

Mas as "concessões" do início dos anos 80 tiveram suas conseqüências. Depois de anos de repressão sangrenta, os tibetanos não estavam preparados para aceitar limites à nova liberdade adquirida.¹⁵ O fervor religioso voltou com força total e também a questão do retorno do Dalai Lama.

Os tibetanos iniciaram um processo de reconstrução e reafirmação da identidade tibetana¹⁶.

Segundo Tang Da-Xian¹⁷ esse processo de conscientização dos tibetanos como um povo distinto coincidiu com a política de abertura do Tibet para a entrada irrestrita de imigrantes chineses, que rapidamente passaram a dominar a economia do país criando a insatisfação entre os tibetanos, principalmente os de Lhasa, onde havia concentração dos imigrantes chineses.

Esses fatores culminaram, em setembro de 1987, na primeira manifestação popular contra a presença chinesa desde 1960¹⁸.

¹⁴ TIN, "A Poisoned Arrow-The Secret Report of the 10th Panchen Lama", London, 1997.

¹⁵ Fotos do Dalai Lama e Panchen Lamas eram expostas publicamente sem a permissão do governo chinês.

¹⁶ Para Norbu, foi pela religiosidade que se manifestou "o modo autêntico de ser tibetano" e se diferenciar dos chineses. *Ortherness and the modern tibetan identity. Himal* [Himalayan Magasin], Lalitpur, Nepal, May/Jun. 1992.

¹⁷ Tang Da Xian, "Events in Lhasa March 2nd-10th-1989", London, TIN, 15 de junho 1990.

¹⁸ Durante as visitas de três delegações de Dharamsala ao Tibet, que fizeram parte das concessões chinesas no início dos diálogos entre o Dalai Lama e Deng Xiaoping, ocorreram demonstrações populares por todos os lugares onde as delegações passaram, mas essas eram demonstrações localizadas, não tiveram conseqüências em larga escala.

Desde a primeira demonstração em 1987 até o final de 1992, a política chinesa reprimiu mais de 150 protestos em todo o Tibet, o maior deles em 1989 quando os conflitos entre a polícia chinesa e manifestantes tibetanos estouraram por toda a cidade¹⁹.

O relatório do Departamento de Informações e Relações Exteriores²⁰ em 2000 divulgou que o número de prisões no Tibet é cada vez maior, homens e mulheres, monges e monjas são arrastados para prisões sendo torturados. O povo não possui quaisquer direitos. Não há liberdade de expressão. E, embora os tibetanos considerem Tenzin Gyatso (14º Dalai Lama) seu líder espiritual e político, são proibidos de demonstrar qualquer manifestação por ele sob pena de punição severa e brutal.

A China mantém a posição ao mundo de dar liberdade religiosa aos tibetanos, documentos desmentem essa versão. Tudo é controlado e repreendido. Os chineses mandam as crianças tibetanas para serem educadas na China ensinando a elas o modo chinês de ser e de viver. A língua tibetana está sendo cada vez mais desprezada nas escolas e a cultura está desaparecendo.

O pretexto de levar ao Tibet o progresso, custou a sua gente toda a individualidade.

A China paradoxalmente foi o primeiro país socialista a iniciar seu processo de abertura e reforma econômica e hoje é um dos últimos países da “ditadura comunista”.

Para Rogério Haesbaert²¹ a China atual, em seus múltiplos espaços se depara com paradoxos de diferentes diálogos e conflitos: modernidade e tradição, “socialismo” e “capitalismo”. Essas mudanças contudo se dão com

¹⁹ No dia 7 de março de 1989 a Lei Marcial foi imposta no Tibet.

²⁰ Departamento de Informação e Relações Exteriores (DIIR) Tibet 2000, “*Environment and Development Issues*”, Dharamsala, 2000.

²¹ HAESBART, Rogério. *China Entre o Oriente e o Ocidente*. São Paulo, Ática, 1994.

conflitos entre o “socialismo de mercado” conjugado a dura repressão política e ao reavivar das desigualdades econômicas, reforçando assim a grande diversidade geográfica e cultural do país.

Apesar da abertura econômica, em suas relações exteriores, a China não abre mão dos territórios conquistados, e do forte simbolismo (comunista-nacionalista). Ela insiste em manter o Tibet sob seu domínio, e insiste em ignorar o apelo à autonomia de fato desse país.

Segundo Theda Skocpol²² o desajustamento entre a teoria das revoluções de Marx e os modelos históricos reais das revoluções sociais sugerem mais insistentemente o que muitos socialistas admitem: a questão de repensar o socialismo²³.

Para Eric Hobsbawm²⁴ um dos riscos atuais que o mundo corre é que o capitalismo tendo perdido seu maior adversário (o comunismo), entre numa corrida de selvageria econômica e desigualdade antes não tolerada.

Para analisar a construção do socialismo na China, foi preciso vencer as dificuldades de encontrar material pois não há estudos sistemáticos sobre a luta de classes após 1949 e, sobre o ângulo da dinâmica do movimento social dos camponeses, dos intelectuais, das mulheres, dos jovens dos homens comuns. Além do mais, são poucas as obras publicadas no Brasil.

Utilizei as obras de Yves Chevrier²⁵, Daniel A. Reis Filho²⁶, e Rogério Haesbaert²⁷ para a análise da Revolução Chinesa.

A questão do socialismo foi analisada através de Eric Sachs²⁸ autor marxista que tenta compreender o caráter da Revolução Russa e Chinesa e o seu impacto mundial. A obra do economista John K. Galbraith²⁹, apresenta

²² SKOCPOL, Theda. *Estados e Revoluções Sociais*. São Paulo, Presença, 1979.

²³ Com a queda do Muro de Berlim em 1989, precipitou-se o colapso dos regimes do Leste Europeu. Para muitos o fato encerrou a 2ª Guerra Mundial já que o Muro era a herança do conflito e da Guerra fria.

²⁴ Historiador inglês autor de muitos livros dentre os quais *A Era das Revoluções* editado pela Paz e Terra.

²⁵ CHEVRIER, Yves. *Mao e a Revolução Chinesa*. São Paulo, Ática, 1996.

²⁶ REIS FILHO, Daniel Aarão. *A Construção do Socialismo na China*. São Paulo, Brasiliense, 1981.

²⁷ HAESBAERT, Rogério. *China: Entre o Oriente e o Ocidente*. São Paulo, Ática, 1994.

²⁸ SACHS, Eric. *Qual a Herança da Revolução Russa?* Rio de Janeiro, Editora Zero, 1985.

²⁹ GALBRAITH, John. *A Era da Incerteza*. São Paulo, Pioneira, 1986.

importantes subsídios para uma discussão sobre as perspectivas do socialismo contemporâneo no plano econômico.

Eric Hobsbawm³⁰ e Maurício Tragtenberg³¹ apresentam uma reflexão crítica da sociedade e do processo revolucionário no passado chinês e do presente.

Jornais, revistas, e a biografia escrita por TENZIN GYATSO, bem como artigos na Internet³² foram informações importantes para compor a história do Tibet.

Como o tema envolve uma grande fonte de conhecimento, foi necessário recorrer a todos os recursos disponíveis para a elaboração deste trabalho.

O primeiro capítulo trata da China sob seu aspecto histórico e cultural; um estudo sobre o confucionismo e o rigor disciplinar das dinastias. As guerras internas e externas que transformaram o país numa imensa rede de corrupção e exploração e por fim o imperialismo que favoreceu o florescimento da República Popular da China sob o comando de Mao Tse-Tung.

O segundo capítulo deste trabalho trata dos principais aspectos da Revolução Chinesa e sua influência sobre o Tibet. A relação entre a China e o Tibet deve ser analisada como uma relação império/colônia e, como tal possui uma das principais características do colonialismo: a exploração da colônia em benefício do império³³.

A questão da religião é discutida como item importante no sentido em que ela faz parte do cotidiano tibetano, e da política.

O terceiro capítulo trata das formas de resistência do povo tibetano, a luta pela conservação de uma cultura à beira da extinção, a questão dos direitos humanos no Tibet bem o posicionamento “neutro” de organismos internacionais prevalecendo o aspecto econômico em benefício da China, dando destaque à

³⁰ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos*. São Paulo, Companhia das Letras, 2000.

³¹ TRAGTENBERG, Maurício. *A Revolução Russa*. São Paulo, Atual, 1988.

³² WWW.SOS.TIBET

³³ Para o tibetano comum a questão central não se resume em independência territorial. Para eles a presença chinesa significa uma ameaça ao budismo. Eles vêem a tentativa de assimilação como um ataque à sua cultura e religião, e os chineses não só como inimigos políticos, mas como inimigos da “fé”.

figura do Décimo Quarto Dalai Lama é fundamental no processo de Libertação do Tibet, e da própria sobrevivência cultural tibetana.

Por fim, a conclusão elabora uma síntese dos principais temas e idéias apresentados nesta monografia.

I - HISTÓRIA E CULTURA DA CHINA

Em todas as civilizações do período pré-moderno, nenhuma parecia mais adiantada, nenhuma se sentiu tão superior quanto a China. Sua população considerável (o dobro da européia no século XV); sua cultura notável, suas planícies muito férteis e irrigadas, ligadas por esplêndido sistema de canais desde o século XI; e sua administração unificada, hierárquica, gerida por uma burocracia confuciana bem-educada, tinham dado à sociedade chinesa uma coesão e um requinte que constituía motivo de inveja para todo visitante estrangeiro".³⁴

A trajetória histórica chinesa implica em uma compreensão da estrutura política e religiosa de 2 mil anos de idade, de uma sociedade predominantemente rural, cuja filosofia deixou profundas marcas na memória de seu povo.

Ressalta-se que os chineses têm muito respeito às tradições e ao passado, voltam-se a ele não porque sejam simplesmente nostálgicos ou conservadores mas o utiliza-no como referência das experiências de seus antepassados, da sabedoria adquirida ao longo dos anos.

A China para os brasileiros é pouco conhecida talvez, porque na herança colonial aprendeu-se a valorizar a Europa e a América mais do que a Ásia.

³⁴ KENNEDY, P. *Ascensão e queda das grandes potências*. Rio de Janeiro, Campus, 1989, p. 14

Holien Gonçalves³⁵ questiona a quase ausência desse tema no currículo escolar brasileiro. Ele considera importante esse estudo tendo em vista, no caso da Revolução Chinesa, como as permanências tão arraigadas de um povo podem ser rompidas, colocando-se com desafio que supera quaisquer expectativas. E, a China possui um quinto da população de nosso planeta e, considerando as potencialidades do gênio inventivo e filosófico de seu povo, assim como as profundas contradições vivenciadas pela sociedade.

“Um povo que consegue colocar a nu a opressão estrangeira e a dominação interna e parte para uma reorganização completa da sociedade, merece ser conhecido e estudado”³⁶.

Os desafios de não aceitar a dominação estrangeira faz da China um importante país para o estudo no campo história, porque o seu processo revolucionário colocou à tona as artimanhas da dominação de um povo e todo o processo de revolta contra essa opressão.

Fernand Braudel em seu estudo sobre a civilização chinesa percebe que a cultura do povo chinês está presente nos mínimos detalhes da vida de cada um, mesmo tendo sido este povo criado num ambiente da classe dominante. Independente do regime político-social criou-se raízes no seio da população.

Como diz Fernand Braudel :

“Não podemos impedir-nos de pensar que eles são os herdeiros da grande tradição burocrática do Império milenar, dos funcionários letrados acostumados a governar um grande Estado com mão firme.

³⁵ BEZERRA, Holien Gonçalves. *A Revolução Chinesa*. São Paulo, Atual, 1987.

³⁶ Idem, p.2

A nova intelligentsia, atuante e ousada, eliminou a antiga, livresca e esclerosada; por sua vez, ela detém em suas mãos fortes o destino da China. E a massa chinesa, que sempre se mostrou submissa à disciplina, segue esses novos senhores com obediência".³⁷

Etienne Balaz³⁸ comenta que muitos historiadores chineses encaram a história da China do ponto de vista da moralidade confuciana³⁹, determinando estirpes e sucessão familiar, no que diz respeito às dinastias.

Para Braudel⁴⁰, o confucionismo não foi apenas uma tentativa de explicação racionalista do mundo. Ele foi a moral política e social, a expressão de uma casta, a dos letrados, dos mandarins representados pela nova ordem social e política após a desintegração feudal.

Trata-se de uma história de particularidades determinadas pelo caráter do governante e de seus funcionários, no ápice de uma pirâmide governamental autocrática. Assim, um governante pode ser lembrado pelos bons atos com seu povo, pela sua tirania ou ainda pela fraqueza de espírito em aceitar ou recusar pressões internas ou externas durante o seu governo.

Já os historiadores modernos chineses como Wang Bin⁴¹ e Pang Pu⁴², este último um profundo conhecedor da cultura de seu país, observa outros fatores atuantes no processo histórico da China, como a invasão estrangeira no país e mudanças sócio-econômicas que interferiram nas dinastias, contribuindo para a sua ascensão ou queda. Para os historiadores brasileiros é a forma mais comum de análise.

³⁷ BRAUDEL, Fernand. *A Gramática das Civilizações*. São Paulo, Martins Fontes, 1989, p. 158.

³⁸ BALAZ, Etienne. *"Chinese Civilization and Bureaucracy"*. New Haven, YALE UNIVERSITY, 1964. Fundada por Confúcio (551-479aC) acentua principalmente o sentido ético das relações humanas, encontrando e fundamentando a moral na transcendência divina.

⁴⁰ BRAUDEL, op. cit.

⁴¹ *Dos concepciones de mundo*. Correo de la UNESCO, jul-ago. 1992.

BRAUDEL em sua análise percebe:

*... que a sociedade chinesa, sui generis, era ao mesmo tempo patriarcal, escravocrata, camponesa e “moderna”, não podendo ser denominada de feudal, pois não existia feudo com investidura, nem concessão de terras a camponeses, nem servos camponeses. Existiam numerosos camponeses proprietários de minúsculos torrões e, acima deles existiam proprietários de terras que as arrendavam. Eles eram subordinados aos letrados por sua vez subordinados ao Estado*⁴³.

Transcorreram mais de dois mil anos entre a fundação do regime imperial por Qin Shi Huangdi e sua queda no princípio do século XX. Nesse período, a população cresceu, as dinastias se sucederam, os conhecimentos científicos evoluíram.

O essencial da estrutura social, porém, permaneceu: *Uma gigantesca pirâmide assentada sobre uma massa de trabalhadores rurais, em cujo topo se encontrava o imperador*⁴⁴.

Para Eric Hobsbawm⁴⁵, a decadência cultural no século XIX deveu-se principalmente pelo senso de auto-suficiência e autoconfiança que impediu que o processo de modernização fosse adiante. Além disso, o século XIX é marcado pela dominação estrangeira com humilhação e exploração do povo, com movimentos de independência, rebeliões e lutas do campesinato chinês.

O peso do mundo agrário é muito grande em relação à definição de formas de organização da produção, distribuição das riquezas e os tipos de regimes políticos, principalmente quando se tratou de empreender lutas

⁴² PANG PU. *Confúcio ainda vive*. Correio da Unesco, 11, Rio de Janeiro, FGV.

⁴³ BRAUDEL, F. *Gramática das Civilizações*. São Paulo. Martins Fontes. 1989, p.192.

⁴⁵ HOBBSAWM, Eric. *A Era dos Extremos*. São Paulo. Companhia das Letras. 1994.

políticas, visando à solução dos problemas sociais que sempre existiram nesse imenso país⁴⁶.

⁴⁶ Importante lembrar que a China atual é o país mais populoso do mundo. Dentro de suas fronteiras vivem 1,2 bilhões de habitantes. Além disso, a China da década 90 chama a atenção pelo acelerado desenvolvimento econômico. O país passa por reformas que introduzem o capitalismo, mas o partido comunista ainda está no poder.

1.1 - As Dinastias: Ascensão e Queda

“A dinastia reinante se decompõe na corrupção .O povo se subleva.Um chefe de bando feliz sobe ao trono e funda sua própria dinastia: os primeiros soberanos administram convenientemente o país.Seus sucessores amolecem progressivamente e o ciclo recomeça. Mas abalos violentos que marcam a passagem de um ciclo a outro não afetam nunca a estrutura social do país, como se esta estrutura tivesse encontrado há séculos sua forma satisfatória e seu equilíbrio definitivo”⁴⁷.

Um breve estudo sobre as dinastias chinesas nos dá um panorama mais abrangente sobre o impacto da Revolução Maoísta na China.

Mas, longe de ser “a mácula” imperialista denunciada pelos maoístas, as dinastias foram uma parte relevante da História chinesa.

Procurei nesse tópico fazer uma análise breve das dinastias chinesas buscando compreender o efeito na sociedade bem como seus aspectos na mente de seu povo.

L.M.Chassin, analisando a história da China, coloca as dinastias chinesas marcadas por grandes dificuldades econômicas, desorganização administrativa, rebeliões e incertezas intelectuais.Mas apesar das crises, elas marcam um período de evolução, principalmente nos séculos XVIII e XIX.

Theda Skocpol⁴⁸ reconhece o grande valor cultural no período dinástico .Para ela , todo o passado tradicional e opressivo finalmente seria colocado em questão a partir da modernização da China.

⁴⁷ CHASSIN,L.M.:”*A Conquista da China*”,São Paulo,Saga,1976.p.27

⁴⁸ SKOCPOL,Theda Skocpol.Estados e Revoluções Sociais.Presença, São Paulo,1979.

Segundo Braudel:

*“Só a mão de ferro dos mandarins (classe dos altos funcionários letrados) foi capaz de manter a unidade de um império imenso, de um lado face aos senhores feudais, de outra face a uma sociedade camponesa que sempre descambou para a anarquia todas as vezes que foi abandonada a si mesma”.*⁴⁹

W.Scott Morton ,baseado em autores chineses de uma época remota , consideram que a história da China começa no ano de 2852 Ac e afirmam que a mesma teria sido governada por três soberanos, espécie de reis místicos e que a eles eram atribuídas a dádiva do fogo, a construção de casas , a invenção da agricultura e do bicho-da-seda.Como benfeitor , o Grande Yu é considerado o fundador da primeira dinastia: a dinastia Xia⁵⁰

Considerados como a garantia da ordem do mundo, os soberanos chineses se proclamavam Filhos do Céu. Eles eram uma espécie de ligação entre os homens e os deuses, e desempenhavam antes de tudo um papel religioso.

Qin Shi Huangdi foi o primeiro imperador da China. Huandgdiem, 221 a.C proclamou-se o primeiro “Augusto Soberano”.E considerado o fundador da China unificada, e em seu reinado impôs em todo o império muitas inovações dentre elas: unificou as letras,de medida e a moeda, estabeleceu o sistema de prefeituras e distritos afim de ter um controle maior sobre a população,construiu a Grande Muralha da China e o palácio imperial,estradas e canais .

Qin Shi Huangdi foi um centralizador enérgico, por isso, apesar de suas inúmeras realizações, tornou-se um soberano detestado. O império chinês durou vinte e um séculos. Qin Shi Huangdi criou um império que se estendeu praticamente até 1911 da era atual.

⁴⁹ BRAUDEL,Fernand.*Gramática das Civilizações*.São Paulo,Martins Fontes,p.188

⁵⁰ MORTON,W.Scott.”China História e Cultura”,Rio de Janeiro,Zahar,1986,pp38-39

Com a morte de Huangdi, os descontentamentos acumulados impediram uma sucessão dinástica. Após alguns anos de perturbação, um funcionário obscuro de Qin instalou a dinastia do Han, que reinou quatro séculos - 206 a.C. até 220 d.C.

Em 220, houve um golpe militar que derrubou a dinastia dos Han. Após três séculos a dinastia dos Sui (581 – 618) reunificou todo o país. Essa reunificação foi continuada pelos Tang (618 – 906).

Em 906, a dinastia dos Song tomou o poder e tentou reunificar o Império, mas fracassou, sobretudo por causa da invasão dos mongóis, povo de pastores nômades do centro da Ásia. Liderados por Gengis Khan, os mongóis acabaram de vez com a dinastia. A invasão mongol em 1279 ocupou grande parte do país, governando durante quase um século, tentando impor suas próprias tradições. Por não conseguirem resultados passaram a aceitar os métodos chineses.

Por volta de 1368 houve uma grande insurreição nacional. A dinastia Ming instalou-se no poder e comandou o poder até 1644. Essa época é considerada a Idade de Ouro da China. A cidade de Pequim foi construída por Yung-lo, terceiro imperador Ming, que também restaurou a Grande Muralha da China⁵¹.

Uma das últimas dinastias foi a dos Qing, que continuou com as obras iniciadas pelos Ming. Os Qing governaram até 1911, e seu último imperador fracassou à desagregação interna e à colonização européia e japonesa.

Yves Chevrier⁵² acredita que, com a derrubada da monarquia e o estabelecimento do governo republicano, em 1911, iniciou-se na China a revolução Burguesa, que foi incapaz de resolver os problemas relacionados à independência nacional e a distribuição de terra.

A revolução de 1911, em lugar de solucionar os dois grandes problemas históricos, não acabando com o domínio Imperialista Estrangeiro - que aliado

⁵¹ A grande muralha da China é formada por várias muralhas unidas umas as outras. Antes do séc.III A.C., a China era dividida em vários domínios, e cada um cercou-se com uma muralha para se proteger dos inimigos. Em 214 A.C. Huangdi ordenou que demolissem as repartições internas e aproveitou as partes externas das muralhas para erguer uma barreira única. A Grande Muralha foi construída com os materiais disponíveis em cada região. Por isso parte é feita de pedra e parte de terra revestida com tijolos. Hoje está ameaçada pelas populações que moram perto dela. Enciclopédia Britânica.

aos chefes militares locais e parte da burguesia chinesa - mantinha o povo na miséria.

Os grupos internos que lutavam pelo poder se dividiram em dois grandes movimentos: De um lado, o partido dos Kuomintang, liderado pelo general Chaing-Kai-Chek, que era apoiado pelas forças conservadoras e pelos imperialistas europeus⁵³ e americanos. De outro lado, o Partido Comunista Chinês, liderado pelo legendário Mao-Tsé-Tung⁵⁴, que recebia o apoio de parte da burguesia chinesa e, principalmente, dos camponeses. Esses dois grupos lutaram pelo poder em uma sangrenta guerra interrompida, momentaneamente pela Segunda Guerra Mundial. Quando o Japão invadiu a China na tentativa de explorar seus recursos naturais e seu povo.

O Partido Comunista Chinês se aliou ao Kuomintang até quase o fim da guerra, mas, mesmo antes da derrota do Japão, o conflito entre os exércitos dos dois partidos já havia reiniciado. Até 1946, os comunistas haviam dominado quase toda a Manchúria, a região mais industrializada da China. Os exércitos do Kuomintang recebiam ajuda Norte-Americana, mas os comunistas foram dominando aos poucos o território chinês, recebendo em cada região o apoio total das populações. Por parte dos comunistas se processava profundas reformas, com a distribuição de terras aos camponeses, garantia de trabalho, etc. Enquanto isso, nas regiões sob controle dos nacionalistas de Chaing-Kai-Chek praticavam-se torturas e prisões, mantendo-se os privilégios das altas camadas.

A reviravolta completa ocorreu em 1949. As forças de resistência de Chaing-Kai-Chek não suportaram a violenta pressão, e a maioria dos soldados nacionalistas aderiu às forças comunistas.

⁵² CHEVRIER, Yves. Mao e a Revolução Chinesa. São Paulo, Ática, 1996.

⁵³ Principalmente Inglaterra, França e Alemanha..

⁵⁴ Presidente da China Comunista

Yves Chevrier questiona como o povo chinês, com profundas raízes na tradição e um forte sentimento de família aceitou a filosofia de uma certa forma “alienígena” do comunismo?

Pode-se analisar que uma das facetas foi o cansaço da guerra e das arbitrariedades das dinastias. O caos e o sofrimento causado pelos senhores das guerras, a invasão japonesa e os quatro anos de guerra civil.

Scott Morton⁵⁵ atribui que grande parte a população chinesa adaptou-se a disciplina e ao espírito de solidariedade do Exército de Libertação do Povo, em contraste com o exército dos senhores da guerra que era impessoal e muitas vezes violento com seu o povo.

L.M.Chassin analisou as dinastias chinesas da seguinte forma:

*“A dinastia reinante se decompõe na corrupção. O povo se subleva. Um chefe de bando feliz sobe ao trono e funda sua própria dinastia: os primeiros soberanos administram convenientemente o país. Seus sucessores amolecem progressivamente e o ciclo recomeça. Mas abalos violentos que marcam a passagem de um ciclo a outro não afetam nunca a estrutura social do país, como se esta estrutura tivesse encontrado há séculos sua forma satisfatória e seu equilíbrio definitivo.”*⁵⁶

⁵⁵ MORTON, W. Scott. “China História e Cultura”, Rio de Janeiro, Zahar, 1986.

⁵⁶ CHASSIN, L. M. A Conquista da China. São Paulo. Saga, 1976. p-20.

1.2 MAO TSE-TUNG

*“Um dos melhores retratos de Mao Zedong (1893-1976) mostra-o sozinho de perfil, passeando pelas ruas de Pequim num dia cinzento, nos primeiros anos da República Popular. Ao fundo vê-se um leão de Bronze da Velha China, uma luxuosa limusine oficial fabricada na Rússia e as arvores nuas do inverno. Mao está vestindo e recheando-a bem- a jaqueta lisa abotoada ate o pescoço, calças e o boné de pala que ficaram associados a seu nome. De mãos nas costas, cabeça erguida com determinação e olhos ligeiramente dirigidos para o alto, vai caminhando devagar , calmo e sem pressa, mas deixando bem claro para onde vai. Nessa foto, ninguém lhe esta prestando especial atenção.”*⁵⁷

No capítulo que se segue procurei analisar a figura de Mao Tse-Tung “o Velho Timoneiro” que guiou seu país à uma revolução que transformou a vida de milhões de chineses e dos países que foram invadidos por ele.

Segundo Yves Chevrier⁵⁸, Mao foi a encarnação ardente de uma revolução que só dominou aos 40 anos de idade, fazendo dela um poderoso Estado , estimulando-a até o último sopro de sua vida. Mas, qual o preço dessa revolução?

Ideologicamente o país passou por grandes transformações em 1949 com a Revolução Chinesa.

⁵⁷ MORTON, W.Scott: China: História e Cultura , tradução Álvaro Ricardo Joppert-Rio de Janeiro: ZAHAR, 1986. pp205

⁵⁸ CHEVRIER, Yves. *Mao e a Revolução Chinesa*. São Paulo, Ática, 1996.

A Revolução nasceu em 1949 no momento de profundas transformações e revoltas populares, quando Mao realizou o sonho de levar o Partido Comunista Chinês (PCC) ao poder, depois de uma luta de três décadas.

Segundo Stuart Schram⁵⁹, em grande parte Mao se sentia indignado pela presença estrangeira no país, que constantemente humilhava o povo chinês impedindo-o de entrar no seu próprio país:

Aviso no Parque Municipal de Changai:

“Chineses e cães não podem entrar”.

O amargo ressentimento inspirado por tais indignações se verte abundantemente nos escritos de Mao durante o ano de 1923.

Mao denuncia a subserviência do Governo de Pequim em termos Rabelaisianos⁶⁰ censurando seus compatriotas por não detestarem os anglo-saxões tanto quanto detestavam os japoneses.

Para Eric Hobsbawm o comunismo chinês era ao mesmo tempo social e nacional:

O explosivo social que alimentou a revolução comunista foi à extraordinária pobreza e opressão do povo chinês, inicialmente das massas trabalhadoras nas grandes cidades costeiras do centro e do sul da China, que formavam enclaves sob controle imperialista estrangeiro e, às vezes da indústria moderna – Xangai, Cantão e Hong Kong- ,e, depois, do campesinato, que formava 90% da vasta população do país. Sua condição era muito pior até mesmo que a da população urbana chinesa, cujo consumo, per capita, era

⁵⁹ SCHRAM, Stuart. *Mao Tse Tung* Rio de Janeiro, Zahar, 1966. p.95

⁶⁰ “Se algum de nossos senhores estrangeiros peida” escreveu em agosto de 1923, “é um perfume maravilhoso”. SCHRAM, *The Political Thought of Mao*, pág. 143.

*qualquer coisa tipo duas vezes e meia maior. A simples pobreza da China já é difícil de imaginar para leitores ocidentais.*⁶¹

Em 1943, Mao Tse Tung acreditava que era necessário conduzir as massas aproveitando suas próprias idéias:

*“É preciso recolher as idéias das massas, concentrá-las (em idéias gerais e sistematizadas, após o estudo, depois voltar às massas para difundí-las e aplicá-las de tal maneira que as massas possam aderir a elas firmemente e traduzí-las em ação, e verificar na própria ação das massas a exatidão dessas idéias”*⁶².

Junho 1943

Todavia, Mao não hesita em aproveitar as idéias vindas de todos os lados, utilizando-as em benefício próprio manipulando-as astutamente, fazendo o povo acreditar que estas idéias eram a resposta aos anseios do povo.

Theda Skocpol⁶³ em sua análise sobre a Grande Revolução Cultural proletária concluiu que foi um dos acontecimentos chineses que tiveram maior repercussão no Ocidente porque conclamava a uma luta real contra o capitalismo e contra toda a cultura ocidental.

Com a Revolução Cultural o ensino superior praticamente parou e os intelectuais foram eliminados ou forçados a trabalhar nos campos como uma “substituição” de incentivos “materiais” por “morais”, ou seja aumentar a mão-de-obra no lugar da tecnologia que não existia.⁶⁴

Aos 55 anos Mao, reunificou o país, depois do caos⁶⁵ herdado pela queda do regime imperial.

A Revolução colocou um ponto final em um século de conflitos com as potências estrangeiras, que haviam mantido suas zonas de influência desde a “guerra do Ópio”.⁶⁶

⁶¹ HOBBSBAWN, Eric. *A Era dos Extremos*. São Paulo, Companhia das Letras, 2000, p.449.

⁶² CHEVRIER, YVES. *Mao e a Revolução Chinesa*. São Paulo, Ática, 1996, p. 94-95

⁶³ SKOCPOL, Theda. *Estados e Revoluções Sociais*. São Paulo, 1979.

⁶⁴ HOBBSBAWN, Eric. *Era dos Extremos*. São Paulo, Companhia das Letras, 2000, p. 455.

Segundo Theda Skocpol :

*A revolução chinesa foi impulsionada pelo colapso de um antigo regime autocrático e semiburocrático culminando um novo regime centralizador, incorporador de massas e mais racionalizado e burocrático que o antigo regime*⁶⁷.

Porém coube aos camponeses fornecer a força revolucionária necessária para a consolidação do poder do Estado Revolucionário.

Roxane Wike⁶⁸, em seu livro "Madame Mao", uma biografia da última esposa de Mao, escreveu que o grande desafio da Liderança Revolucionária dominada por Mao, consistia em manipular a mente humana motivando ao mesmo tempo o ignorante e o intelectual para que voltassem as costas à valores seculares em nome do interesse da classe operária.

Problemas morais e instrumentais da Revolução e a questão do uso e abuso das propagandas foram analisados pelos dirigentes do partido como Liu Shaoshi e Chu En Lai, tornaram grandes aliados no processo de conscientização revolucionária.

No poder, Mao instalou uma ditadura. Na vida política poderia existir apenas o partido comunista. Na economia o Estado tomaria conta de tudo, substituindo os empresários.

A Utopia igualitária de Mao, em suas diversas fases, nunca conseguiu encher as tigelas de arroz dos chineses. Além disso, a imposição do sistema comunal, no final dos anos 50, revelou-se um desastre, pois, o projeto

⁶⁵ Em 1911, a guerra contra o Japão (1937-45) e quatro anos de guerra civil com nacionalistas do Kuomintang

⁶⁶ A Guerra do ópio, em 1840, constitui um ponto de mudança para a história da China na corte de Qing era corrupta e incapaz, buscou algumas vezes a nação e fez perder sua soberania.

⁶⁷ SKOLPOL, Theda. *States and Social Revolutions-A COMPARATIVE ANALYSIS OF FRANCE, RUSSIA AND CHINA*. Traduzido por Fátima Murta. CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS, 1979. p.251

⁶⁸ WIKE, Roxane. *Madame Mao*; Tradução de DONALDSON GARSCHAGEN-Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1977. p.23. Do original em inglês :Conrade Chiang Ching.

governamental intitulado de Grande Salto à Frente⁶⁹, inviabilizou colheitas e matou de fome e de doenças 30 milhões de chineses.

No nível das representações destas políticas, houve uma canção popular de Xangai em 1959, que ridicularizou o Grande Salto sob o pretexto de atacar seus excessos:

*"Uma escada não basta
Duas escadas e você já está no céu!
Ai de ti! Ai de ti!
Tua caneta escreve mal,funcionário das estatísticas".*

O regime de Mao Tse Tung tolheu as liberdades de expressão e de imprensa. A cultura que existia foi taxada como "burguesa, reacionária e contra-revolucionária".

Segundo Fernando Portela a "Revolução Cultural" (1966-1975) foi uma tentativa de retorno ao igualitarismo social e aos incentivos morais. Reformularam a organização das fábricas com a queda do poder de seus gerentes, os intelectuais foram cassados, proibiram a musica e a literatura estrangeira bem como qualquer manifestação a favor dos estrangeiros.⁷⁰

Uma reflexão de Alexandra Kollontai,mostra um quadro do operariado russo , em que de uma certa maneira foi "copiado"para os moldes chineses:

"Se por um lado, falava-se de controle operário, de educar os operários para gerir a produção, de se lhes dar o direito de inspeção, de se lhes ensinar a contabilidade e os meios da produção comunista. Por outro lado, a direção real

⁶⁹ 1958-Tensão entre Estados Unidos e Rússia-Planos objetivos e planos da Revolução são revistos para o desenvolvimento da transição à caminho do comunismo.

⁷⁰ PORTELA, Fernando e MAMIGONIAM, Armem A China de ontem e de Hoje, São Paulo, 1997 ATICA.

*da economia e da produção estava unicamente nas mãos de uma burocracia econômica, centrada em torno de “especialistas e diretores”(escolhidos e nomeados por cima) e de uma burocracia política centrada em torno dos “especialistas da política”.*⁷¹

Para Chiang Ching⁷², última esposa de Mao Tse Tung:

“A Revolução Cultural teve uma carga de culpa decorrente de toda espécie de perdas: de vida, de propriedade, de produção agrícola, guerra aberta, luta ideológica, batalhas nas comunas rurais.

*A grande “vitória” da Revolução Cultural foi ter iniciado a transformação da atitude do povo.*⁷³

Todavia essas batalhas serviram para elucidar as contradições entre as classes e promover as transformações ideológicas e culturais benéficas em longo prazo.

Contrariando a opinião da maioria dos historiadores, para Chiang Ching (madame Mao), a grande vitória da Revolução Cultural foi ter iniciado a transformação da atitude do povo.

Segundo Agnes Heller⁷⁴, a questão da Revolução é que ela passa a ser entendida como “um simples ato de máxima decisão” como se fosse uma resolução definitiva para os problemas, mas ao longo da história vemos que essa visão mitológica acabou deixando de revelar acontecimentos ou processos revolucionários que alteraram profundamente a história, mas que não podiam ser descritos ou tomados como revoluções.

⁷¹ KOLLONTAI, Alexandra. Oposição Operária. São Paulo, Global, 1980.

⁷² CHIANG CHING (1914-1991) teve um papel de esposa atuante durante a Revolução Cultural. Artista, a grande sacerdotisa de um ultramaoísmo que ela nunca renegou, foi condenada à morte em 1981 (logo revogada) até seu suicídio em 1991.

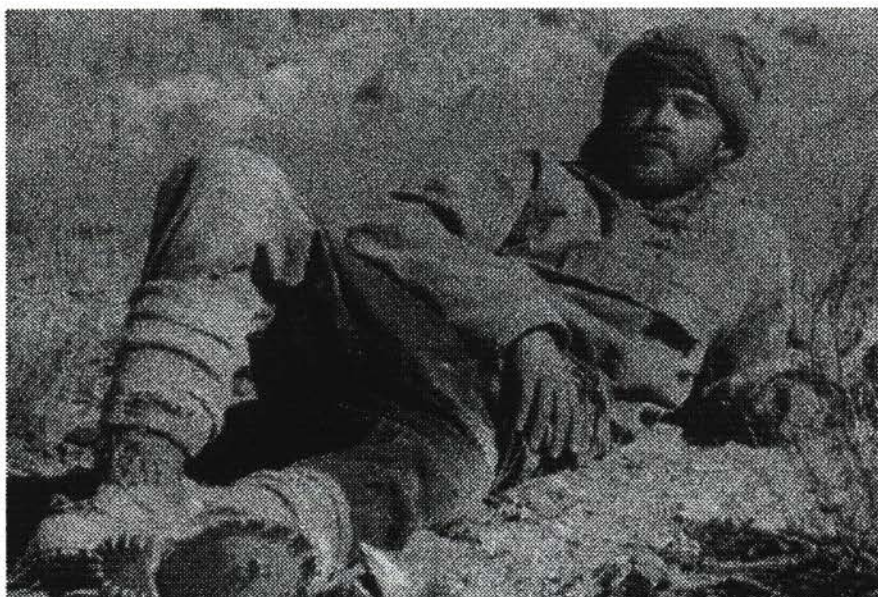
⁷³ WIKE, Roxane. *Madame Mao* - Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1977. p356

⁷⁴ HELLER, Agnes. *Anatomia de La Izquierda Occidental*. Barcelona. Península, 1985. pp70-90.

Segundo Roland J.L.Breton⁷⁵ em 1978 dois anos após a morte de Mao, o novo dirigente chinês, Deng Xiaoping, deslanchou as reformas que buscavam revitalizar a economia. Deng engavetou a luta de classes, pedra de toque do maoísmo introduzindo no país um processo de modernização econômica.

E o primeiro passo foi libertar o produtor rural do coletivismo agrário e, em seguida criar quatro zonas econômicas especiais (bolsões capitalistas), libertando as indústrias tradicionais do jugo estatal, porém manteve o controle à liberdade de expressão e diversidade cultural.

⁷⁵ BRETON, Roland J.L. *Geografia das Civilizações*. São Paulo, Ática, 1990.



II - REVOLUÇÃO CHINESA E SEU IMPACTO SOBRE O TIBET

"Em 1959 a revolta do Tibet é diretamente reprimida por Peng Dehuar⁷⁶, por julgar que ela aumentava o perigo da explosão da própria China.

Em 1950 esta ocupou uma província tibetana que na dinastia Qing havia sido dominada no início do séc XVIII.

Depois de 1959 os incidentes foram mais limitados, até as manifestações destes últimos anos, que também foram reprimidas com sangue".

Wu Miao

Segundo Anagarika Govinda⁷⁷, o Tibet é um país localizado na Ásia Central, encravado entre as mais altas montanhas do mundo.

Foi até o Ano de 1949 um país considerado independente, segundo a Comissão de Direito Internacional do Tibet.

Os tibetanos desenvolveram uma civilização distinta, cuja filosofia é fundamentada na interdependência do homem com a natureza. O Tibet durante muito tempo e em vários aspectos continua sendo terra incógnita para o mundo ocidental. Apesar da história do Tibet datar de mais de 2000 anos, desde 127

⁷⁶ PENG DEHUAR, General do Exército Vermelho que comandou a invasão ao Tibet.

⁷⁷ GOVINDA, Anagarika. El Camino de las Nubes Blancas. Espanha, Madrid, Editorial Eyra, 1981.

a.C., as primeiras referências são muitas vezes envoltas de misticismo que nem sempre condiz com a realidade.

Muito do isolamento do Tibet deve-se a sua localização geográfica e condição do clima agressivo, frio, cercado pelas montanhas mais altas do mundo. O Plateau Tibetano é considerado o maior e mais alto do mundo, com uma área original de 2,5 milhões de km² divididos em três regiões: Kham, Amdo e U-Tang.

A Revolução Chinesa, e, sobretudo a Revolução Cultural mudou drasticamente a vida tibetana na medida em que causou uma ruptura violenta na sua estrutura social e política.

Para Mao Tse Tung era preciso eliminar o “inimigo” na sua raiz. E esse inimigo possuía uma das principais coisas que Mao combateu até a morte: a religião (o veneno do povo tibetano).

Sobre a Revolução Cultural, Zheng Yi⁷⁸ revela sérios acontecimentos:

“A morte era uma punição recomendada pelo partido. As tropas de choque da revolução eram os Guardas Vermelhos, legiões de estudantes e trabalhadores fanatizados pela pregação que vida de cima, armados com o livrinho vermelho dos pensamentos de Mao e convencidos a destruir todos os valores do passado”.

Considerando que a estrutura da sociedade tibetana é fundamentada na religião e, sobretudo na cultura, foi um golpe fatal a invasão chinesa e especificamente a Revolução Cultural⁷⁹ porque ela conseguiu atingir “o coração” da cultura tibetana.

⁷⁸ Revista Veja, Editora Abril, edição 1479-ano 30 n.3-22/01/1997. ZHENG YI. Histórias de Canibalismo na China Moderna, EUA, Memorial Escarlata, 1997.

⁷⁹ CHEVRIER, Yves. Mao e a Revolução Chinesa. São Paulo, Ática, 1996.

Segundo Norbu⁸⁰ a presença hostil dos chineses Han, proporcionou o fortalecimento de uma identidade comum entre os tibetanos ,especialmente entre os habitantes das cidades onde o confronto foi mais direto e violento

O mesmo analisa que a presença da alteridade Han tornou o comportamento religioso tibetano ,um veículo mais forte para a afirmação da sua identidade, não só pela liderança histórica do clero lamaista ,mas pela agressão dos invasores aos seus templos e monastérios⁸¹.Frente à necessidade de se opor ao domínio imposto do exterior as distinções entre seitas são secundárias , e a identidade comum tenta fortalecer-se.

Rogério Haesbaert fala da sua experiência quando esteve no Tibet e dá um exemplo do tipo de resistência e luta pela reafirmação da identidade tibetana:

“No monastério de Depung, em Lhasa, conseguimos ser recebidos pelo Lama, autoridade máxima do templo .Após quase meia hora de insistência nosso guia conseguiu convencer seu secretário de que, conforme fora solicitado, não faríamos pronunciamentos ou questões de ordem política,já que o Lama recebera ocidentais e fora advertido pelo governo de Pequim devido as suas manifestações contraria as à ocupação do Tibet

A audiência constou de bênção e oração proferidas pelo monge ao nosso grupo.Ao final foi oferecido a cada um uma pequena estatueta de Buda, em cerâmica, envolta em um tecido amarelo e acompanhada de uma mensagem em tibetano (que utiliza o alfabeto sânscrito) Ao traduzi-la, surpreendemo-nos com seu caráter de denúncia política: a estatueta, além de conter vestígios de “pequenas bolas brancas” que teriam no corpo de Buda após sua morte

⁸⁰ “Otherness and modern Tibetan Identity.Himal” (Himalayan Magasin),5.

⁸¹ O Documentário :Estranho Espirito-A ocupação de um país, mostra a extraordinária resistência dos homens e mulheres do Tibet.Nação profundamente dominada por sentimentos de não-violência e compaixão, eles mantiveram seus propósitos de pacificação mesmo diante da invasão militar chinesa. “TWO BAT PRODUCTIONS”.Col.40 min.1997.

provinha de “fragmentos de imagens destruídas pelos chineses durante a devastação dos templos no período da Revolução Cultural”⁸².

Em de 1959, o Tibet foi invadido pelo exército vermelho e seu principal líder espiritual e temporal Tenzin Gyatso - 14º Dalai Lama juntamente com cem mil tibetanos, fugiram para a Índia.⁸³

A invasão chinesa não só tornou o Tibet conhecido no Ocidente, como fez o Ocidente conhecido no Tibet.⁸⁴

Há 50 anos práticas como tortura, prisões arbitrárias, trabalho forçado e repressão religiosa fazem parte do cotidiano do tibetano comum. Existe um processo de destruição total de um país, de um povo, de uma cultura.

“Desde os anos 50, quando invadiram o Tibet, chineses vem fazendo uma das mais brutais perseguições religiosas do século XX”.

Jeffrey Fleishman⁸⁵

A política chinesa de controle forçado da população e de incentivos à imigração chinesa, já transformou o povo tibetano em minoria étnica dentro de seu próprio país; uma vez que ocorreu a repressão religiosa, a principal forma de expressão da cultura tibetana; a restrição ao ensino da língua tibetana, o controle da educação e a manipulação da história de um país é muito mais que violações de direitos básicos.

A violação dos “direitos humanos” no Tibet torna-se de domínio público a partir de que as informações oficiais são omitidas e as informações disponíveis provêm de diversas organizações não-governamentais, de pesquisadores

⁸² HAESBAERT, Rogério. *China : Entre o Oriente e o Ocidente*. São Paulo, Ática, 1994.

⁸³ GYATSO, Tenzin: *Minha terra e meu povo*. São Paulo: Palas Athena, 1988. p 74.

⁸⁴ Enciclopédia Britânica.

⁸⁵ Depoimento de JEFREY FLEISMAN, jornalista autor do artigo “A Fuga do Tibet”, pág. 53, Setembro 1997.

independentes, e principalmente, de depoimento de refugiados que continuam a chegar todos os dias ao Nepal e Índia, muitos deles ex-prisioneiros políticos.

Segundo relatório emitido pelo Comitê de Inquérito Legal sobre o Tibet da Comissão Internacional de Juristas⁸⁶:

A China tem mostrado que sua intenção no Tibet não é apenas controlar seu território política e administrativamente. A repressão religiosa as políticas de controle forçado de natalidade e de forte incentivo à imigração chinesa provam que os chineses pretendem muito mais do que controlar territorialmente, politicamente ou administrativamente. Eles pretendem transformar o Tibet em China, e os tibetanos em chineses, ou seja, assimilar totalmente o Tibet à “pátria-mãe”⁸⁷.

A área do Tibet, considerando o território anterior a invasão, representava dois milhões e meio de quilômetros quadrados, o equivalente a soma do território de todos os países da Europa Ocidental.

A China, após a invasão, ocupou mais da metade desta área. O restante foi considerado pelo governo chinês uma província denominada “Região Autônoma do Tibet”, com o intuito de dilacerar o território tibetano.

→ A cultura tibetana é composta por uma mescla de língua, práticas religiosas, crenças espirituais, música, filosofia, arquitetura, folclore além do respeito ao meio ambiente e costumes sociais únicos no mundo.

De acordo com Rogério Haesbaert a diferença e a especificidade do Tibet não restringe à religião lamaísta ou a sua natureza *sui generis*.

As atividades econômicas praticadas pelos tibetanos são distintas porque enquanto na campanha chinesa predomina a agricultura irrigada, especialmente o arroz, no Tibet predomina o nomadismo pastoril e, nos poucos vales cultiváveis do sul, o plantio da cevada.

⁸⁶ “Tibet and Chinese People’s Republic”, Geneva, 1960.

⁸⁷ Departamento de informações e Relações Exteriores, “Dharamsala and Beijing-initiatives and Correspondence, 1981-1993”, Dharamsala, 1994.

O governo chinês impôs aos tibetanos substituir o cultivo da cevada ,que é a base da alimentação rural tibetana⁸⁸, pelo cultivo do arroz ,base da alimentação chinesa.

Na China não há separação entre o judiciário e o Estado, o que torna seus processos e julgamentos fora dos padrões internacionais.

Dados do Centro Tibetano para os Direitos Humanos e Democracia ,em 1998 mostram que o governo chinês continua na perseguição de civis e ideologias diferentes.

Em 1996 foram efetuadas 265 prisões de tibetanos após manifestações com distribuição de panfletos sobre os direitos humanos, colocação de cartazes e grito de palavras sobre a independência do Tibet.

Em 1997, tem-se conhecimento de 27 prisões, dentre as quais nove estão ligadas à posse de cartazes e material impresso sobre a independência e 13 ligados a protestos.

O governo chinês reclama ter gastado milhões em investimento no Tibet-segundo estatísticas oficiais, só na "RAT" ⁸⁹os subsídios anuais chineses eram de cerca de US\$ 270 milhões no final da década de 80.Mas estas estatísticas não computam o quanto o governo chinês ganhou com a extração de madeira, urânio,ouro ,prata, ferro ,cobre⁹⁰,no Tibet, e com o comercio de artigos da China para o Tibet⁹¹.

No entanto, dados da Comissão de Economia da Região Autônoma do Tibet, dão conta que trezentos mil tibetanos vivem abaixo da linha da pobreza, sobrevivendo cada qual com menos de setenta e oito dólares por ano.

⁸⁸ TSAMPA-os tibetanos fazem com a farinha da cevada uma mistura com manteiga de iaque (espécie de búfalo local).

⁸⁹ Região autônoma do Tibet.

⁹⁰ O Tibet possui 40% de todos os recursos minerais da China.

⁹¹ Extraído do artigo "The Dragon in the Land of Snows" Tsering Shakya afirma que um jornal chinês anunciou em 1951: "devido ao aumento abundante de materiais mandados do interior [China] para o Tibet, grande quantidade dinheiro em circulação está retornando ao Estado.

Em algumas aldeias, foi montada estrutura para fornecimento de energia elétrica ainda na década de 70, sendo que até hoje os moradores nunca receberam a energia em suas casas.

O atendimento médico é totalmente precário, sendo uma agulha compartilhada por 40 a 50 pacientes⁹².

Segundo o Relatório Mundial de Saúde, a China está atualmente com mais de um milhão de infectados com o vírus HIV.

A China vem adotando em relação ao Tibet uma política de exploração econômica intensa, sem investir em atendimentos básicos à população, que vive às voltas com problemas que deveriam ter sido sanadas há muito tempo.

Os números extraídos do relatório anual sobre violações de direitos humanos no Tibet em 1999 mostram que os chineses controlam também a educação no Tibet, fundamental no processo de extinção da identidade cultural tibetana. Afinal, essa sempre foi a maneira de controle mais eficiente: um povo incapaz de pensar livremente é um povo incapaz de reagir. Reprimindo o ensino da língua, da cultura e da história tibetana o governo chinês pretende integrar completamente a nova geração.

Os tibetanos sempre viveram de acordo com a cultura budista que prega que não se deve fazer mal a qualquer ser vivo, que deve haver harmonia entre o homem e a natureza.

A China, no entanto, não vem respeitando o território tibetano. Lança no país resíduos tóxicos proveniente de sua crescente indústria, mata animais para exportar carnes e peles.

Dados extraídos do Departamento de Informação e Relações Exteriores 1994⁹³, mostram que, entre os anos de 1959 a 1985, os 25,2 milhões de hectares de florestas do Tibet, foram reduzidos a 13,57 milhões, o que propiciou à China mais de 54 bilhões de dólares provenientes da madeira.

⁹² Centro Tibetano dos Direitos Humanos e Democracia. *"Tales of Terror: Torture in Tibet"*, Dharamsala 1999.

⁹³ Departamento de Informação e Relações Exteriores, *Dharamsala and Beijing-initiatives and Correspondence*, 1981-1993, Dharamsala, 1994.

O Tibet possui a maior reserva de urânio do mundo e seus campos petrolíferos produzem mais de um milhão de toneladas de petróleo cru por ano.

Os chineses têm na religião budista do Tibet⁹⁴ o seu principal obstáculo para manterem-se na condição de dominadores e vêem os mosteiros como centros formadores de “separatistas”.

Conforme o Relatório dos Direitos Humanos divulgado pelo TCHRA⁹⁵, 79% dos presos políticos tibetanos atuais são monges e freiras budistas.

A vocação religiosa entre os jovens é desestimulada e ridicularizada, sendo que para ingressar no mosteiro, o candidato deve fazer um juramento político no qual promete renegar a idéia de um Tibet independente, renunciar ao Dalai Lama⁹⁶ e reconhecer o Panchen Lama apontado pelas autoridades chinesas.

A China vem patrocinando uma grande transferência de população para o território do Tibet, sendo que hoje a maioria da população que reside no Tibet é composta por chineses.

Relatórios do Departamento de Informações e Relações Exteriores⁹⁷ informam que, os tibetanos hoje, são minoria em seu próprio país sendo que aproximadamente seis milhões de tibetanos vivem entre 7,5 milhões de chineses. Estatísticas mostram que 70% da população atual de Lhasa é formada por chineses e dados oficiais chineses revelam que em Qinghai a população tibetana caiu para 60% para 19,36% em 33 anos (de 1949 a 1982).⁹⁸

⁹⁴ O Budismo no Tibet possui características próprias. Apesar de ser considerado parte da escola MAHAYANA (praticado principalmente no Tibet, Japão e Vietnã), possui característica forte do Bom (religião indígena tibetana que é uma mistura de xamanismo e animismo) e aspectos do TANTRA Hindu. Devido ao importante papel dos Lamas no budismo tibetano, historiadores preferem considerar o budismo tibetano como lamaísmo.

⁹⁵

⁹⁶ É devido à devoção religiosa do povo tibetano que a autoridade do Dalai lama continua incontestável e depois de meio século de ocupação chinesa os tibetanos continuam vendo Buda da Compaixão em seu líder.

⁹⁷

⁹⁸ Departamento de Informação de Relações Exteriores, Tibet 2000, *Environment and Development Issues*, Dharamsala, 2000.

A política de controle da natalidade implementada no Tibet por meio de propaganda e coerção, vem ameaçar a sobrevivência dos tibetanos como raça distinta.

Há outro fator que reduz a população: a desnutrição. Os recursos agrícolas são destinados para outras regiões, animais são confiscados e o principal produto de subsistência da região que é o trigo, vem sendo substituído por cevada, que não se adapta bem à altitude tibetana.

A língua tibetana está se transformando num dialeto regional em extinção e cada vez mais cedendo espaço ao chinês.

Conforme disse o Panchen Lama⁹⁹, já em 1962:

*“Uma vez que a língua, os costumes, as tradições e outras características importantes da nacionalidade desaparecer, então a própria nacionalidade também terá tornado-se uma outra nacionalidade”.*¹⁰⁰

A ONU em 29 de setembro de 1960, em resposta à carta enviada pelo 14^o Dalai Lama um ano depois do seu exílio, mostrou-se profundamente preocupada com a questão da violação dos direitos humanos no Tibet. Criticou o governo chinês por suas medidas arbitrárias de privar os tibetanos de habitarem seu próprio país. A ONU considerou que esses acontecimentos violam os direitos e liberdades humanas fundamentais estabelecidos na Carta das Nações Unidas

⁹⁹ O Panchen Lama, “Sua Serenidade”, é considerado no budismo tibetano, a reencarnação de Amitabha, e a segunda figura religiosa mais importante do Tibet. TIN, “*Poisoned Arrow-The Secret Report of the 10 th Panchen Lama*”, London, 1997.

¹⁰⁰

e na Declaração Universal dos Direitos do Homem.¹⁰¹ Mas não se mostrou disposta a intervir em defesa do Tibet.

¹⁰¹ Resolução da Assembléia Geral –16ª Sessão (1961).Resolução 1.353(XIV) de 21 de outubro de 1959,sobre a questão do Tibet.

III – Resistência: Tibet em Desenvolvimento

*"[...] O Tibet se dilacera em pedaços de misérias
que não se separam nunca transfiguradas pelos
deuses.*

*E nestes pedaços sem fim viramos Ilha Ocidental
num mar inusitado Que o Himalaia revolveu um dia
E se impôs sem trégua*

*Rasgando montanhas do céu e semeando com
oferendas e cânticos a imensa pradaria.*

*[...]Tudo aqui é uno vida e tempo que o espaço
nestas águas, arrasa e sacraliza.*

*[...] Só um monge ou nômade peregrino
Supera a solidão e compreende a profundidade
desses lagos e vales.*

*Perdidos, nossa dimensão aqui é totalmente outra.
Aqui, prescindindo de nós todo o Universo,
subitamente começa e termina."*¹⁰²

Rogério Haesbaert, Ago, 1992.

Antes da invasão chinesa, em 1950 o Tibet possuía múltiplas identidades .Segundo Norbu¹⁰³, prevaleciam então identidades subnacionais fundamentadas em seitas do budismo lamaísta (Bonpo, Nyingma, Kargyu) e na territorialidade definida pelas antigas províncias ,hoje consideradas autônomas (Kham, Amdo, Tsang).

A presença dos chineses Han, aberta ou veladamente repudiada pelo povo tibetano, fortaleceu o aparecimento de uma identidade comum entre os tibetanos das cidades aonde o conflito é maior.

¹⁰² HAESBAERT, Rogério. *China: Entre o Oriente e o Ocidente*. São Paulo, Editora Ática, 1994. p-61.

¹⁰³ Norbu. *Otherness and the modern tibetan identity*. Himal, Nepal, May/Jun. 1992.

Apesar de todos os tipos de violação que sofrem os tibetanos, ainda resta a crença lamaísta que eles cultivam na clandestinidade, e a esperança na volta do XIV Dalai Lama.

Sobre a invasão chinesa, a justificativa eles usam até hoje é de que o Tibet precisava ser libertado de dois demônios: o primeiro -as “forças imperialistas ocidentais”¹⁰⁴ que se encontravam no território.O segundo - “um sistema medieval feudal que escravizava as “ massas” tibetanas.

A necessidade de reformas já havia sido detectada pelos próprios tibetanos, antes da interferência chinesa.”.¹⁰⁵

Segundo Cássia Bechara¹⁰⁶, “os chineses são obrigados a acreditar e a fazer o mundo acreditar que o Tibet era um inferno, para justificar a necessidade de “libertar” o povo tibetano, e assim, justificar a invasão.

Essa justificativa chinesa é repudiada pelos tibetanos que se sentem racialmente, culturalmente e geograficamente separados da cultura invasora.

Num trecho do livro “Minha Terra e Meu Povo”¹⁰⁷, Tenzin Gyatso coloca que os chineses consideram inaceitáveis as reações dos tibetanos e temem pela sua independência por influenciar idéias de libertação de outros países invadidos pela China.

Historicamente não há identificação cultural entre o povo tibetano e o chinês que possa justificar essa invasão e menos ainda, razão política que lhe dê causa.

Nas palavras de Owen Lattimore em seu “*Studies in Frontier History*”¹⁰⁸ a teoria chinesa de que o Tibet “é parte integral da pátria-mãe” “é baseada principalmente nas relações históricas entre os imperadores mongóis e manchús e os Lamas tibetanos, denominada relação de chön-yön (sacerdote-benfeitor) .

¹⁰⁴ Na época existia no país 6 estrangeiros dentre eles Heinrich Harrer autor da obra *Sete Anos no Tibet*

¹⁰⁵ 1949 logo após a vitória sobre o governo do Kuomintang, o Exército de Libertação Popular, em resposta ao anúncio feito pelo novo governo da República Popular da China começou o processo de “retomada” de todos os territórios chineses incluindo o Tibet, Xinjiang, Hainan e Taiwan.¹⁰⁵

¹⁰⁶ BECHARA, Cássia Figueiredo. “Tibet na Chinese Peoples’s Republic”, Geneva, 1960. Comissão Internacional de Juristas.

¹⁰⁷ GYATSO, Tenzin: *Minha Terra e Meu Povo*. São Paulo: Palas Athena, 1988.

Essa justificativa chinesa é repudiada pelos tibetanos que se sentem racialmente, culturalmente e geograficamente separados da cultura invasora.

→ Num trecho do livro "*Minha Terra e Meu Povo*"¹⁰⁹, Tenzin Gyatso coloca que os chineses consideram inaceitáveis as reações dos tibetanos e temem pela sua independência por influenciar idéias de libertação de outros países invadidos pela China.

Historicamente não há identificação cultural entre o povo tibetano e o chinês que pudesse justificar a invasão chinesa e menos ainda, razão política que lhe desse causa.

Em primeiro lugar, a teoria chinesa de que o Tibet ¹¹⁰é parte integral da pátria-mãe" é baseada principalmente nas relações históricas, entre os imperadores mongóis e manchús e os Lamas tibetanos, denominadas de chön-Yön (sacerdote-benfeitor).

Em 1207, quando o império mongol estendia sua supremacia política na Ásia e em grande parte do Leste europeu, o Tibet foi invadido pela Mongólia, que, em 1280, invadiu a China. Este processo de dominação tornou os dois países submissos à Mongólia.

As relações de chön-yön¹¹¹ não eram simplesmente baseadas em devoção religiosa ou em prova da integração territorial do Tibet com a China. O império mongol mantinha influência política sobre o Tibet dando aos imperadores mongóis condições de interferir em praticamente todos os planos de defesa do país.

Na metade do séc XIII o Tibet foi oficialmente incorporado ao território da Dinastia Yuan da China.

¹⁰⁸ Departamento de Informações e Relações Exteriores, Governo Tibetano no Exílio, "*Tibet, Proving Truth from Facts*", Índia 1993.

¹⁰⁹ GYATSO, Tenzin. *Minha Terra e Meu Povo*. São Paulo, Athena, 1988, p. 162.

¹¹⁰ Segundo o Relatório do Departamento de Informação e Relações Exteriores do Governo Tibetano no Exílio

¹¹¹ Essa relação Chön-Yön (sacerdote/benfeitor). Originou em 1254 quando o imperador Kublai Khan da Mongólia, como agradecimento aos ensinamentos do Lama Phagpa ofereceu-lhe a autoridade política sobre o Tibet. A partir daí passaram a reger todas as relações dos imperadores mongóis. Gupta, S.P., Ramachandran, K.S., "*History of Tibet*", Delhi, 1995.

Desde o início das relações chön-yön em 1254 nenhum dos soberanos mongóis tentou administrar o Tibet diretamente. Estabeleceram o poder simbólico, sem considerá-lo parte do território chinês.

O segundo argumento utilizado pelo governo chinês é que a Dinastia Ming substituiu a dinastia Yuan na China e herdou o direito de governar o Tibet.

Durante a Dinastia Ming, o Tibet funcionou como um país independente. Em 1642, o V Dalai Lama, com a ajuda do benfeitor mongol Gusri Khan, assumiu a autoridade espiritual e política sobre o Tibet unificado, e deu início à dinastia dos Dalai.

Nos séculos XVII e XVIII o Império Manchú nomeou embaixadores (Ambans) que se instalaram em Lhasa.

Owen Lattimore¹¹², defende a teoria de que, apesar do Tibet ter sido governado por Dalai Lamas entre 1727 e 1910, os Ambans exerciam grande influência na administração do país.

Para Jia Ren¹¹³ os Ambans eram apenas tinham como objetivo proteger os interesses do império Manchú no país.

Após o colapso do Império Manchú, em 1912, sob mediação nepalesa, Tibet e China assinaram um acordo que estabelecia a rendição e retirada formal de todas as tropas imperiais ainda em território tibetano, bem como a retirada os Ambans.

Em 1913 o XIII Dalai Lama emitiu uma proclamação oficial reafirmando a independência do Tibet.

— Em meio a esse processo o Tibet não só sofreu invasões, como também invadiu alguns de seus países, inclusive a China durante o Império Tibetano dos séculos VII e VIII. Porém, desde 1951, o Tibet dentro dos parâmetros ditados pelo Direito Internacional, era um país independente.

Segundo estudo realizado pelo Comitê de Inquérito Legal¹¹⁴ sobre o Tibet, da Comissão Internacional de Juristas, o Tibet demonstrou ter de 1913 a 1950

¹¹² LATTIMORE, "Owen. *Studies in Frontier History*". Londres.

¹¹³ JIAN REN, *The New Development of Tibetan Culture*, Beijing, New Star, 1991.

¹¹⁴ Comissão Internacional de Juristas, "Tibet and Chinese People's Republic", Genova, 1960.

todas as condições para um Estado, conforme aceito pelo Direito Internacional. Em 1950 havia um povo, um território, e um governo que conduziu seus assuntos, livres de qualquer interferência externa.

Quanto à afirmação chinesa de que o Tibet nunca foi reconhecido internacionalmente como um estado independente, seria mais correto dizer que o Tibet nunca fez parte de organismos internacionais como a ONU¹¹⁵ e, conseqüentemente, nunca obteve um reconhecimento formal de seu status.

Contrária a Campanha “Golpeando Duro” dos chamados separatistas tibetanos, a China instituiu uma campanha intitulada “Golpeando com Força” que busca justamente coibir manifestações pró-independência.

A Comissão Internacional de Juristas em 1959 e 1960 após investigação revelou:

“Dezenas de milhares de pessoas foram mortas, não só em decorrência de ação militar, mas individualmente e deliberadamente. Mortas sem julgamento, sob a suspeita de se oporem ao comunismo, de acumularem dinheiro, ou simplesmente em virtude de sua posição, ou ainda sem motivo algum. Mas, principalmente e fundamentalmente, foram mortas porque não quiseram renunciar à sua religião. Mortas a tiros, por espancamento, crucificadas, queimadas vivas, afogadas, viviseccionadas, pela fome, estranguladas, enforcadas, escaldadas, enterradas vivas, estripadas e decapitadas. Esses assassinios eram praticados em público”¹¹⁶.

¹¹⁵ Apesar de nunca ter sido membro da ONU, países como Tailândia, Malásia, El Salvador reconheceram a independência do Tibet desde as primeiras assembleias da ONU nas quais a questão tibetana esteve em pauta.

Departamento das Relações Exteriores, Governo Tibetano no Exílio, Índia, 1993.

¹¹⁶ Os relatos completos aceitos pela Comissão, sua análise e conclusões estão publicados em seus relatórios: “A Questão do Tibet e o Império da Lei”. Comissão Internacional de Juristas, Genebra, 1959 e 1960.

Segundo cálculos do Governo Tibetano no exílio, ratificados por diversas organizações internacionais, aproximadamente 1,2 milhões de tibetanos –mais de um sexto da população –já morreu como resultado da invasão chinesa.

O Departamento de Informação e Relações Exteriores¹¹⁷ –Governo Tibetano no Exílio, em 1999, informou a existência de 615 prisioneiros políticos tibetanos em prisões espalhadas por todo o país.

Nos últimos 50 anos os tibetanos aprenderam que, se a palavra “direitos” já era ficção no seu dia-a-dia, uma vez detidos ela se tornava ainda mais sem sentido.

Segundo informações do Governo Provisório do Tibet¹¹⁸, a pobreza relativa aos tibetanos, a exploração de seus recursos naturais para servir aos projetos de desenvolvimento chineses, o assentamento de um número considerável de chineses em novos centros urbanos, tem tido um impacto negativo sobre a comunidade tibetana. Esses grandes projetos chineses, voltados para a construção de represas e estradas, tem um impacto extremamente negativo sobre o frágil meio ambiente.

O governo chinês reclama ter gastado milhões em investimentos no Tibet. Porém essas estatísticas não computam o quanto o governo chinês ganhou com a extração das riquezas naturais do país.

A primeira manifestação popular contra a presença chinesa ocorreu em 1951, poucos meses depois da ocupação total do Tibet, durante o festival de Monlam, o mais importante do calendário budista. Desde então os movimentos pró-independência não pararam mais. Um exemplo disso são os Khampas, nômades que habitam as regiões de Amdo e Kham, famosos por suas habilidades de guerreiros, organizaram guerrilhas contra o exército chinês no ano de 1954, mas estas se desfizeram após 20 anos, a pedido do Dalai Lama.

¹¹⁷ Números extraídos do Relatório anual sobre violações dos direitos humanos no Tibet em 1999 publicado pelo Centro Tibetano para os Direitos Humanos e Democracia.

¹¹⁸ TCHRD, “Economic Status of Tibetans”, Janeiro 2000.

No governo do exílio, foi criado um parlamento e um sistema judiciário eleitos democraticamente e o projeto para a Constituição do Tibet foi promulgado. Em seu discurso de boas vindas aos novos refugiados que chegam a Dharamsala, o Dalai Lama reafirma a necessidade de mudanças e prepara os tibetanos para assumirem responsabilidade por essas mudanças:

“[...] Quando chegar a hora dos tibetanos que estão fora e dentro do Tibet se juntarem o antigo governo liderado por um Lama terá se extinguido, e não voltará mais. No futuro, eu decidi que quando estivermos juntos passarei a posição histórica do Dalai Lama para o Governo do Estado. [...] Assim, seremos um país democrático em linha com o mundo moderno [...] Se teremos êxito ou não, depende apenas de nós mesmos, tibetanos [...] Mudar uma sociedade só é possível se todos tomarmos responsabilidade e nos esforçarmos. Apenas rezar não é esforço suficiente.[...]”¹¹⁹.

Em verdade, a invasão chinesa ao buscar o desmantelamento cultural e religioso do Tibet, obrigou também, que os líderes do Tibet reconhecessem as desigualdades e os níveis diferenciados de opressão que foram secularmente exercidos sobre a população.

¹¹⁹ Extraído do jornal “Contact”, Agosto, 2000, Dharamsala.

3.1 - Dalai Lama –Resistência ao arbítrio

“Na prisão nós vivíamos de esperança: esperança de um Tibet livre, que o mundo enxergasse além da propaganda chinesa e que a política do Dalai Lama funcionasse- quando essa esperança diminuía ou nossa luta parecia impossível, essa era a pior coisa.Nós sabíamos que não apenas nós que estávamos na prisão sofríamos.Todos os nossos amigos e familiares lá fora também estavam sofrendo.A falta de comida , a tortura e o trabalho forçado não eram a pior coisa para mim -mas sim a pressão psicológica constante de querer um Tibet livre e ter essa esperança esmagada.”

DAWA KYIZOM ,presa política em 1990.¹²⁰

A religião tibetana foi e continua sendo o principal ponto de conflito dos chineses e em especial pelo fato da religião representar a unidade política e cultural do Tibet.

Segundo Jean Daubier¹²¹, a Revolução Cultural Chinesa no Tibet resumiu-se , praticamente, na destruição de tudo o que estava relacionado à religião.

¹²⁰ Centro Tibetano para os Direitos Humanos e Democracia, “*Behind Bars:Prision Conditions in Tibet*”,Dharamsala,1998.

¹²¹ DAUBIER,Jean.Historia da revolução Cultural Chinesa, São Paulo,Presença,1976.

Repressão religiosa no Tibet não significa repressão aos ensinamentos de Buda, mas sim repressão ao Sistema Tradicional Tibetano, ao poder dos Lamas e das instituições religiosas, ao sentimento de independência e de unidade nacional do povo tibetano, a identidade do Tibet como país distinto da China.

Assim, desde o início da ocupação, religião tem sido o principal alvo de repressão no Tibet. De acordo com estatísticas do próprio governo chinês, 80% dos 2.500 mosteiros da Região Autônoma do Tibet foram destruídos nos 15 primeiros anos da invasão, e os outros foram destruídos durante a Revolução Cultural¹²².

Relatórios do Centro Tibetano para os Direitos Humanos¹²³ e Democracia revelaram que em abril de 1996 a China lançou a campanha "Strike Hard", um programa de reeducação patriótica voltado a suprimir "atividades separatistas" dentro dos mosteiros e conventos, expulsando e prendendo monges e freiras considerados "não -patriotas". Times de trabalho, compostos basicamente por oficiais da Secretaria de Segurança Pública, visitam periodicamente instituições religiosas conduzindo extensivas sessões de reeducação. Durante essas sessões os monges e freiras são obrigados a assinar a chamada "Promessa dos Cinco Pontos". Os cinco pontos aos quais eles devem se comprometer são:

1. Declarar oposição ao separatismo
2. Aceitar a versão chinesa da história tibetana
3. Reconhecer o Panchen Lama apontado pelo governo chinês.
4. Negar o status de independência do Tibet
5. Denunciar o Dalai Lama como "um traidor da pátria-mãe.

O povo tibetano continua fiel ao Dalai Lama e a fuga dos altos Lamas para Índia e Nepal é causa de embaraço do governo chinês frente à comunidade

¹²² É interessante notar que nos folhetos distribuídos pelos "Guardas Vermelhos" durante a revolução Cultural não há praticamente nenhuma referência à luta de classes ou à luta entre capitalismo e socialismo. Os folhetos tratam apenas da questão da destruição da religião e das "práticas feudais". op. cit. p.31.

internacional, já que esse alega, apesar de tudo, que existe liberdade religiosa no Tibet¹²⁴.

Devido a cultura tibetana estar fortemente impregnada de religião budista, os chineses chegaram à conclusão que jamais conseguiriam alcançar seu propósito de transformar o país na doutrina comunista.

Recentemente o presidente chinês Jiang lemin, exigiu que o Dalai Lama desistisse publicamente da independência do Tibet.

Por sua vez , a China recentemente assinou a Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos Econômicos, Sociais e Culturais.Tais atos implicam portanto que a China não está cumprindo o acordo internacional.

O apelo dos representantes do povo tibetano à Comunidade internacional é que exija do governo chinês uma solução pacífica para a questão do Tibet, devolvendo-lhes a independência e cessando a repressão do povo tibetano, já que a sobrevivência de sua cultura depende disso.

O Dalai Lama continua sendo, apesar de todos os esforços chineses, o líder espiritual e temporal dos tibetanos dentro e fora do Tibet, e a principal esperança de uma solução para a questão tibetana não só aos olhos de seu povo , mas também da comunidade internacional.

Nesses 40 anos de invasão e exílio, o Dalai lama fez com que o Ocidente¹²⁵ olhasse para o Tibet, e muito do apoio que os tibetanos tem hoje se deve ao seu trabalho e carisma.¹²⁶

¹²³ TCHRD,ano de 1999.

¹²⁴ FLEISMAN,Jeffrey.Fuga no Tibet.PHILADELPHIA INQUIRER MAGAZINE (15 DEZ 96)

¹²⁵ No Brasil existem várias publicações .

¹²⁶ Revista Época ANO III, n. 142 –5 de fevereiro 2001.Editora Globo.p.110.

3.2 TENZIN GYATSO E A FILOSOFIA TIBETANA

*"Que eu me tome em todo os momentos agora e
sempre,
Um protetor para os desprotegidos,
Um guia para os que perderam o rumo,
Um navio para os que tem oceanos a cruzar,
Uma ponte para os que tem rios a atravessar,
Um santuário para os que estão em perigo,
Uma lâmpada para os que não tem luz,
Um refugio para os que não tem abrigo
E um servidor para todos os necessitados."
Antiga oração tibetana¹²⁷*

"Ele tem um sorriso fácil, a cabeça raspada, usa óculos enormes e veste sempre um manto amarelo e vermelho. Calça humildes chinelos de dedo mesmo diante dos mais poderosos chefes de Estado"¹²⁸.

Esta é a descrição feita pela jornalista Lia Diskin¹²⁹, que procurou analisar a figura de um homem cujo objetivo da vida é libertar o seu país do domínio chinês.

¹²⁷ GYATSO, Tenzin. *Uma Ética para o Novo Milênio*, Rio de Janeiro, Sextante, 2000. p.255.

¹²⁸ Revista Super Interessante. No 8. Agosto 2001. P.48

¹²⁹ A jornalista Lia Diskin mora há 30 anos no Brasil, onde ajudou a fundar e dirige o Centro de Estudos Filosóficos Associação Palas Athena, em São Paulo.

Mas quem é o 14º Dalai Lama? E porque ele tanto “incomoda” os chineses? E qual a importância dele com relação à sobrevivência do povo tibetano?

Segundo o livro “Minha Terra e Meu Povo”¹³⁰, Tenzin nasceu em 1935 numa família de agricultores na aldeia de Tasker, leste do Tibet, com o nome de Lhamo Thondup.

Aos dois anos de idade foi reconhecido pelos monges tibetanos como a reencarnação do Dalai Lama, autoridade máxima do budismo tibetano.¹³¹

Aos quatro anos foi separado da família mudando-se para o Palácio de Potala¹³², em Lhasa, sendo empossado como líder espiritual do Tibet passou a chamar-se Jampel Ngawang Lobsang Yeshe Tenzin Gyatso. Com quatro anos e meio de idade, Tenzin foi formalmente reconhecido como XVI Dalai Lama, chefe espiritual e temporal do Tibet reencarnação do seu predecessor Thunpten Gyatso¹³³

A cerimônia foi realizada no Si Shi-Phuntsok (o salão de todas as boas ações e dos mundos espiritual e temporal) situado na parte oriental do Palácio de Potala. Os convidados eram representantes diplomáticos dos países vizinhos, funcionários do governo tibetano, lamas encarnados, abades, abades assistentes dos três monastérios de Drepung, Sera e Gaden, os membros da sua família e convidados.

Tenzin Gyatso¹³⁴, 14 Dalai Lama teve sua educação formal iniciada aos seis anos de idade baseado no sistema tradicional do Tibet, que consistia em um padrão moral e intelectual bastante alto e eficaz. Consta no propósito básico desse sistema disciplinar: drama dança, música, astrologia, poesia e

¹³⁰ GYATSO, Tenzin. Minha Terra e Meu Povo. São Paulo, Palas Athena, 1988.

¹³¹ Os Dalai Lamas são tidos como reencarnações do príncipe CHEREZIG – Avalokitesvara, o portador do Lótus Branco, que representa a compaixão.

¹³² Centro religioso e político do país.

¹³³ O primeiro nasceu em 1391, foi encarnação de Cherensi, o Buda da Misericórdia cuja missão era proteger os seres vivos. Thunpten Gyatso, o décimo terceiro Dalai Lama reinou durante muitos anos estabelecendo o Tibete como uma nação independente perante a China.

¹³⁴ GYATSO, Tenzin. Minha Terra e Meu Povo, São Paulo, Palas Athena, 1988.

composição elas são conhecidas como as “cinco disciplinas menores”. O objetivo básico do sistema tibetano consiste em ampliar e cultivar o espírito baseando na ampliação dos conhecimentos. Para a educação mais elevada, são conhecidas como as “disciplinas superiores”, o curso inclui a arte de curar, o sânscrito, a dialética, as artes e ofícios, a metafísica e a filosofia da religião esta última é para eles a disciplina de maior importância.

Como a maioria das crianças, Tenzin começou a aprender a ler e escrever imitando o seu professor. Sua educação religiosa na discussão dialética só começou depois dos 12 anos e só foi iniciado na metafísica e filosofia depois dos 13 anos, sendo assim, outros temas foram acrescentados ao seu currículo e, na medida em que progredia, ia encontrando menos dificuldade em aprender tudo quanto se exigia.

Em cada etapa do seu treinamento recebia consagração do espírito e do corpo em preparação para doutrinas superiores, Tenzin sentia um sentimento de paz e felicidade.

Sua crença e fé em sua religião tornaram-se mais profundas na idade de 15 anos onde experimentou um sentimento de gratidão por Buda¹³⁵. Começou então a pensar mais nos outros e menos em si mesmo tornando-se mais consciente do conceito de compaixão.

Era esse sentimento espiritual que era assistido no plano mental por um intelecto melhorado, por maiores poderes de memória, maior proficiência no debate e crescente autoconfiança.

Após uma rigorosa preparação, que inclui o estudo do budismo, de história e filosofia, assume o poder político em 1950, ano em que o Tibet é ocupado pela China.

¹³⁵ GYATSO, Tenzin. Uma Ética para o Novo Milênio. São Paulo, Sextante, 1999 .

A prova prática de um monge tibetano ocorre quando surgem ocasiões de mágoa e sofrimento. Há complexidades na doutrina budista que tornam difícil a descrição¹³⁶.

O povo tibetano durante muito tempo permaneceu praticamente isolado do resto do mundo sendo que no exterior a capital do Tibet, Lhasa era freqüentemente denominada Cidade Proibida.

O décimo terceiro Dalai Lama considerou mais tarde no exílio que esse modo de vida favoreceu a invasão do Tibet pelos chineses, pois esse isolamento impediu um contato maior com outros países dificultando a ajuda internacional. Dois fatores favoreceram esse isolamento: sua localização geográfica, e o clima de montanha com grandes tempestades de neve.

Possuíam um pequeno exército cujo trabalho fundamental era guardar as fronteiras e impedir a entrada de invasores no país.

Conforme Tenzin explica¹³⁷, em relação ao sistema semifeudal toda a terra pertencia ao Estado e a maioria dos camponeses tinha terra graças ao arrendamento direto do Estado e alguns pagavam o aluguel em produtos proporcional ao que produziam.

Como a terra era transmitida por herança, podia hipoteca-la, a outros vende-la. Seria errado dizer que os camponeses eram arrendatários, pois a noção de que a terra pertencia ao Estado era mero conceito só podia ser usado apropriado se deixasse de pagar suas obrigações. De modo que na prática tinha todos os direitos de um proprietário. Havia desigualdade social com aristocracia rural e pobreza no campo.

Segundo o livro *Mundos em Harmonia*¹³⁸, Tenzin explica que religião dos tibetanos os encorajava em todas as alternativas para melhorar a sorte dos outros, a caridade autêntica produzia um duplo benefício.

¹³⁶ Algumas linhas indicam que os budistas acreditam que todos os seres de várias formas renascem depois da morte, em cada vida a proporção da dor e da alegria que experimentam é determinada pelas suas boas ou más ações na vida anterior

¹³⁷ GYATSO, Tenzin. *Minha Terra e Meu Povo*. São Paulo: Palas Athena, 1988.

¹³⁸ GOLEMAN, Daniel. *Mundos em Harmonia*. São Paulo: Claridade, 2001.

Segundo o Departamento de Informações e Relações Exteriores¹³⁹, de 1912 até a invasão do Exército Vermelho (1950) o Tibet gozou de completa independência em relação outros países. Nesta ocasião o Gabinete convocou uma reunião da Assembléia Nacional, concluindo que o Dalai Lama deveria dirigir seu país (apesar de não possuir a idade necessária para assumir). Mas em 1951, Tenzin Gyatso aos 16 anos foi reconhecido como o 14º Dalai Lama tornando o Chefe de Estado do Tibet¹⁴⁰.

Logo apos o reconhecimento, tentou em vão um diálogo com a China pedindo a interferência da ONU.

O país tornou-se praticamente ingovernável com as pressões da China e as revoltas que surgiam nas cidades do Tibet.

Durante dez anos o Dalai Lama esforçou-se na tentativa de conservar o Tibet independente, mas as exigências dos comunistas eram cada vez maiores causando uma crise sem precedentes no país.

Em 10 de março de 1959, milhares de pessoas realizaram um protesto contra a invasão chinesa, resultando em um massacre sem precedentes na história do país. Além do mais o governo chinês exigia uma reforma agrária provocando a insatisfação popular havendo a formação de pequenos exércitos revolucionários cuja luta desesperada não obteve resultado satisfatório.

No mesmo ano o Dalai Lama foi obrigado a exilar-se na Índia pós o fracasso de uma rebelião nacionalista contra o governo chinês.

Tentaram apoio militar externo. Os Estados Unidos da América, Grã Bretanha, Índia e Nepal negaram o pedido e as respostas desencorajaram os tibetanos que aprenderam que em assunto militar estavam sozinhos.

No exílio, por intermédio de uma rádio de Pequim membros do governo tibetano souberam de um acordo assinado¹⁴¹ arbitrariamente pelos chineses e

¹³⁹ Governo Tibetano no Exílio, "Tibet : Proving Truth from Facts", Índia, 1993.

¹⁴⁰ Na tradição tibetana, a idade para se um Dalai Lama é de 18 anos. Foi uma medida de emergência pois o Tibet estava sofrendo ameaça de invasão da China Comunista.

¹⁴¹ O Acordo dos 17 pontos.

por uma delegação tibetana sob coação. Esse acordo praticamente admitia que o Tibet fazia parte da China.

Hoje, o Dalai Lama é uma figura mundialmente conhecida, o budismo tibetano tem encontrado adeptos no Ocidente, e Hollywood¹⁴² tem feito sua parte na divulgação romântica da imagem do Tibet místico. Aos olhos do Ocidente, o Tibet continua sendo a Shangri-lá¹⁴³, a terra desconhecida, habitada por um povo profundamente religioso e igualmente desconhecido.

Mas a história real é muito diferente. Há 40 anos o Tibet é um país órfão.

O governo indiano tem ajudado os refugiados tibetanos durante todos esses anos.

Com o ^{PERDIDO} ao passado, o Dalai Lama não incentiva a luta armada e o ódio, ao contrário seu lema é seguir a política da não violência e, com relação ao futuro, certamente o Tibet nunca será o mesmo porque custará a recuperar o país arrasado pela dominação e opressão.

No entanto, nesses dias a esperança de todos os homens em última análise é simplesmente a de paz de espírito, sua esperança perpassa na coragem dos tibetanos e no amor, a verdade e a justiça que ainda está no coração da espécie humana, a crença na compaixão de Buda.

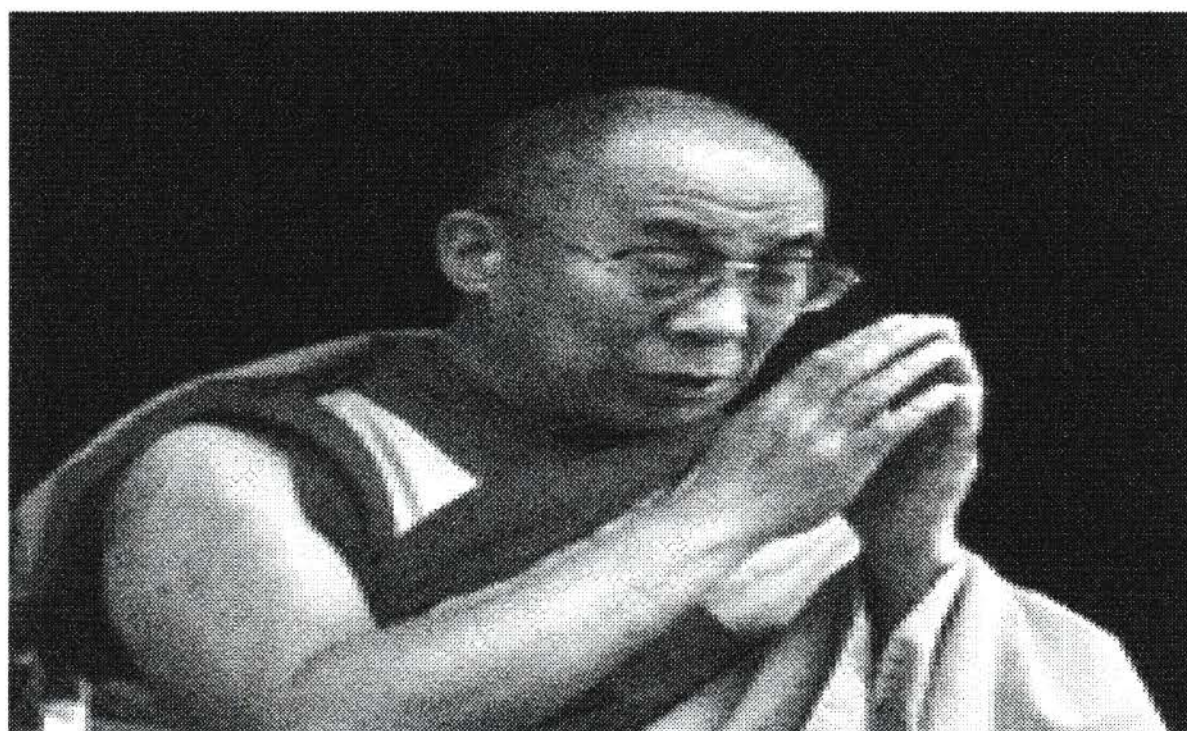
Em 1989 S.S.o Dalai Lama foi agraciado com o Prêmio Nobel da Paz. A citação do comitê diz o seguinte:

“O Comitê enfatiza que o Dalai Lama é merecedor desse prêmio por sua campanha pacifista pela autonomia do Tibet.”

¹⁴² O filme Kundun dirigido por Martin Scorsese, conta a história do Dalai Lama. Lumiere, EUA, 1997.

“Com um prazer puro de criança brincando, um menino risonho de dois anos e meio é observado por monges reunidos à sua volta. Neste jogo, o garoto revela-se como a reencarnação do Buda da Compaixão, e passa a ser educado pelas mais refinadas mentes de seu país e posicionado para liderar o Tibet durante o seu período mais longo de instabilidade e luta política, além de adversidade espiritual”.

¹⁴³ Livro Horizonte Perdido, James Hilton.



3.3 O DALAI LAMA E A SUA OBRA

*" Enquanto existir espaço
Enquanto persistirem os seres
sencientes,
Que eu também viva,
Para dissipar as desgraças do
mundo" .¹⁴⁴*

A religião foi e continua sendo o principal ponto de conflito entre os chineses e tibetanos e a maior dificuldade dos chineses no Tibet, apesar de todos esses anos de ocupação e repressão.

Nas palavras de Mao Tse Tung:

"Naturalmente, a religião é um veneno. Tem dois grandes defeitos: mina a raça e retarda o progresso do país. O Tibet e a Mongólia foram ambos envenenados por ela¹⁴⁵".

Repressão religiosa no Tibet não significa repressão aos ensinamentos de Buda, mas sim repressão ao sistema tradicional tibetano, ao poder dos Lamas e das instituições religiosas, ao sentimento de independência e de unidade nacional do povo tibetano, a identidade do Tibet como, pois distinto, separado da China.

¹⁴⁴ Retirado do sagrado Shantideva Budista.

¹⁴⁵ GYATSO, Tenzin. Minha Terra e Meu Povo. São Paulo, Palas Athena, 1988, p-82.

Segundo Pedro Santidrian¹⁴⁶, o Budismo tibetano possui características próprias. Desde o século XVI, os soberanos intelectuais e temporais do Tibet recebem o título de Dalai Lama, que significa "oceano": um oceano vasto e profundo de sabedoria.

Tenzin Gyatso, através de reflexões e da própria experiência de vida, tenta entender o caminho que levou o homem a uma insatisfação constante. Propondo uma "revolução" pela Paz, a sua obra filosófica reflete essas "inquietações".

Segundo Tenzin, a insatisfação de uma maneira geral, aparece no mundo moderno como um dos fenômenos que perturbam a própria existência humana.

Partindo do princípio de que grande parte uma porção dos sofrimentos e infortúnios é causada pelo próprio homem, o Dalai Lama procura analisar as causas, não oferecendo soluções, mas orientando um caminho de pensamento voltado para a reflexão.

O objetivo é que, através da busca do equilíbrio interno humano, é provável ou possível encontrar a paz entre os homens chegando a Paz Mundial.

Segundo Miguel Angel Quintanilla a ética é à parte da filosofia que se ocupa da moral.

Etimologicamente "moral" provém do latim que significa "costumes" ou formas de comportamento, características de um indivíduo ou de um povo recuperando valores culturais, valores espirituais, descobrindo novos caminhos, novas concepções, respeitando o próximo.

O próprio Dalai Lama reconhece que é difícil mudar o mundo, mas é uma tentativa e isso que é importante. E essa conscientização está se tornando uma questão de sobrevivência.

A SOCIEDADE MODERNA E A BUSCA DA FELICIDADE¹⁴⁷.

¹⁴⁶ SANTIDRIAN, Pedro R. *Dicionário Básico das Religiões*. São Paulo, Santuário, 1996.

¹⁴⁷ Baseado no livro de Tenzin Gyatso: *Uma Ética para o Novo Milênio*, São Paulo, Sextante, 2000.

O descaso pela dimensão interna do homem fez com que todos os movimentos político-econômico-sociais deixaram de produzir os benefícios ao mundo. Isso significa que o homem deixou de ouvir o seu próprio interior ficando perdido no mundo.

O Dalai Lama defende uma revolução espiritual, partindo do princípio de que o mundo já passou por várias revoluções que prometiam ao homem uma transformação, mas, elas não foram capazes de resolver problemas de conscientização corpo-espírito.

Sem mágica e Sem Mistério: Essa revolução não se fundamenta em ensinamentos religiosos e sim na busca da bondade humana porque segundo ele, uma única religião não consegue satisfazer a toda a humanidade. Essa “revolução espiritual”¹⁴⁸ acarreta numa revolução ética.

Na medida em que conseguimos transformar nossos corações e mentes cultivando qualidades espirituais nos tornamos capazes de enfrentar as adversidades aumentando as possibilidades de ações eticamente sadias. Ética e espiritualidade.

A Origem Dependente e a Natureza da Realidade:

Consiste no modo como percebemos os fenômenos e a realidade de uma determinada situação fazendo muitas vezes um julgamento com base na compreensão parcial da situação. Consiste na estreita ligação entre a percepção que temos de nós mesmos em relação ao mundo e o comportamento de acordo com nossa compreensão. Há uma concepção ampliada do “eu” em que o indivíduo situa seus interesses dentro dos interesses dos outros podendo dizer

¹⁴⁸ Buda estabeleceu oito princípios ou regras de Vida que devem ser observadas pelos seus seguidores e por todos: a verdadeira crença, A verdadeira resolução, A verdadeira palavra, O verdadeiro comportamento, A verdadeira ocupação, O verdadeiro esforço, A verdadeira contemplação e A verdadeira concentração.

que determinadas causas levam a determinados efeitos e que ações individuais tanto levam o homem a felicidade como ao sofrimento”.

Os interesses humanos são dependentemente ligados, e somos resistentes a aceitar a ética como um passo para a compreensão do caminho para a felicidade.

REDEFININDO O OBJETIVO:

Segundo Dalai Lama¹⁴⁹, um ato ético é aquele que não prejudica a experiência ou a expectativa da felicidade de uma pessoa. A natureza da felicidade¹⁵⁰ é relativa porque o que pode trazer alegria para um para outro pode trazer tristeza.

Mas felicidade em tibetano está ligada à paz interior explicando o paradoxo de existir gente insatisfeita apesar de todas as riquezas materiais enquanto outros são felizes através das adversidades.

Alguns fatores contribuem para encontrar o caminho da paz interior dentre eles a liberdade, no sentido em que ela proporciona condições para procurar o caminho e a prosperidade no sentido de desenvolvimento mental e emocional, não descartando o campo material.

A paz interior não é produzida por fatores externos, cada uma de nossas ações tem uma dimensão universal, um impacto sobre a felicidade alheia, sendo a ética necessária como um meio de garantir que não se prejudica o outro.

A verdadeira felicidade compreende-se em qualidades como paciência, tolerância, compaixão qualidades espirituais de amor e compreensão.

A SUPREMA EMOÇÃO: ¹⁵¹

¹⁴⁹ Baseado no livro de Tenzin Gyatso: Uma Ética para o Novo Milênio, São Paulo, Sextante, 2000

¹⁵⁰ CUTLER, Howard. *A Arte da Felicidade*. São Paulo, 2000.

¹⁵¹ Baseado no livro de Tenzin Gyatso: Uma Ética para o Novo Milênio, São Paulo, Sextante, 2000

Segundo Tenzin Gyatso a capacidade de sorrir é uma das maravilhas do ser humano que contagia o outro por transmissão.

II –ÉTICA E INDIVÍDUO

A ÉTICA DA CONTENÇÃO:

Para desenvolver o sentimento de compaixão é necessário eliminar os fatores que inibem esse sentimento desenvolvendo sentimentos nobres como o amor, a paciência, a tolerância, a capacidade de perdoar. A verdadeira disciplina interior é um exercício voluntário e deliberado, a emoção e a consciência são conceitos distintos. Todos os pensamentos, emoções e experiências mentais refletem um estado de espírito e uma paz interior.

Reflete Tenzin que devemos trabalhar conscientemente com as emoções. O medo ao contrário do que se pensa, muitas vezes aumenta nossa atenção fornecendo uma energia que nos protege.

O grande obstáculo encontrado para a prática da conduta ética é a emoção aflitiva, aquela que trás emoções e pensamentos negativos, a mente indisciplinada obstruindo os canais da felicidade.A contenção interior.

A ÉTICA DA VIRTUDE:

Consiste em cultivar as qualidades positivas, humanas ou espirituais. A paciência chamada em tibetano de **sō pa** é uma espécie de desafio da condição humana, pois consiste no verdadeiro espírito da não-violência.

É o que permite o autocontrole não deixando que os pensamentos e as emoções negativas tomem conta da mente.

A generosidade é considerada uma virtude em todas as religiões e em todas as sociedades civilizadas, mas ser generoso vai além de doações materiais, tem algo a ver com o auto-engrandecimento, visando uma disciplina ética.

A ÉTICA DA COMPAIXÃO:

Segundo Emma Brunner¹⁵² no budismo, a ética da compaixão consiste na capacidade de participar e de uma certa forma compartilhar com o sofrimento dos outros formando um sentimento de intimidade com outros indivíduos. É através da ética da compaixão que se controla os impulsos negativos. Quando se conseguem ultrapassar os próprios interesses, a paz e a alegria se tornam companheiro constante.

ÉTICA E SOFRIMENTO:

A nossa experiência de sofrimento ajuda a compreender a experiência de sofrimento alheio servindo como estímulo para se praticar a compaixão evitando causar dor aos outros e exercitando o verdadeiro sentimento de crescimento espiritual.

A NECESSIDADE DE DISCERNIMENTO:

A questão da disciplina interior como maneira de compreender os outros nos torna capazes de assumir nossos próprios atos e cada um dos nossos atos afeta não só os que vivem a nossa volta, mas no sentido mais amplo o mundo.

III ÉTICA E SOCIEDADE

¹⁵² BRUNER, Emma. Os Fundadores das Grandes Religiões. São Paulo, Vozes, 2000.

RESPONSABILIDADE UNIVERSAL

No Livro “Uma Ética para o Novo Milênio”¹⁵³, S.S.o Dalai Lama acredita que cada um de nossos atos tem uma dimensão ampla, universal. A disciplina ética, a conduta íntegra e um discernimento é fundamental para uma vida feliz. Devemos ter consciência de que nossos atos não são isolados porque somos parte do universo e as ações refletem no universo.

A consciência consiste em desenvolver uma disposição de espírito devendo aproveitar as oportunidades para ajudar ao próximo.

Partindo do princípio de ignorar as diferenças existentes entre os seres humanos forma, cor, religião, a noção de distância se dissipa, encontrando coisas semelhantes. Com o desenvolvimento da satisfação, nunca nos decepcionamos nem nos iludimos.

Vemos o mundo dividido em crença cor e religião. Se a humanidade desenvolvesse o espírito de solidariedade no sentido pleno, partindo do princípio de que todos querem ser felizes e que todos pertencem ao mesmo universo, deveríamos respeitar mais o semelhante e educar para a Paz.

A ordem imposta pela força tem vida curta. Devemos compatibilizar religião e ciência. A aceitação crescente da universalidade dos direitos humanos e da necessidade de admitir a diversidade em áreas de importância comum, como as das questões que mais afligem a humanidade como religião, e cor.

NIVEIS DE COMPROMISSO

Daniel Goleman¹⁵⁴ em uma entrevista feita com o Dalai Lama na Califórnia em 1989, perguntou ao mestre qual seria o nível de compromisso da humanidade:

¹⁵³ Tenzin Gyatso: Uma Ética para o Novo Milênio, São Paulo, Sextante, 2000

¹⁵⁴ GOLEMAN, Daniel. *Mundos em Harmonia*. São Paulo, Claridade, 2001.

O Dalai Lama acredita que, a compaixão pelo próximo nos leva a uma conduta ética e essa está no centro de nossas ações, pessoais e sociais.

Os princípios não sendo praticados continuarão estagnados como princípios, mas se eles forem colocados em prática, eles terão efeito.

O compromisso está em educar o indivíduo. O futuro do mundo está nas mãos das crianças, Ter uma sociedade mais justa depende da educação das crianças tornando-as responsáveis e zelosas pelo mundo onde habitam.

A dedicação consiste em fazer tanto quanto puder, sem chegar a extremos, lidando de maneira construtiva com os pensamentos e emoções negativas podendo mudar o mundo.

Educação é muito mais do que transmitir conhecimentos e habilidades por meio dos quais se atinge os objetivos, consiste em abrir os olhos das crianças para as necessidades e os direitos dos outros.

Os sistemas educacionais seculares foram desenvolvidos numa época em que a instituição religiosa exercia grande influência em toda a sociedade.

ÉTICA NA SOCIEDADE

EDUCAÇÃO E MEIOS DE COMUNICAÇÃO

Existem áreas cuja responsabilidade universal está presente: a educação, os meios de comunicação, o meio ambiente, política, economia, harmonia inter-religiosa.

A mente humana é a fonte e a solução de nossos problemas.

Se quisermos despertar a consciência dos jovens para a importância dos valores humanos fundamentais, é melhor não apresentar os problemas da sociedade atual como uma questão meramente ética ou religiosa.

Apresentar aos alunos um assunto controvertido e estimular o debate entre eles é uma maneira de resolução não-violenta de conflitos.

Mahatma Gandhi¹⁵⁵ apesar de ter adquirido conhecimento no Ocidente, nunca desprezou a cultura indiana.

O meio ambiente é uma questão de sobrevivência, mas a devastação está destruindo nosso planeta. Nós humanos somos a única espécie conhecida com o poder de destruir a terra.

Política e economia

O Dalai Lama¹⁵⁶ nos diz que a questão da desigualdade entre os povos e a má distribuição de riquezas só faz o mundo piorar em sua qualidade, pois causa guerras, fome, e desperdício.

Portanto cabe ao indivíduo desempenhar o papel na criação de uma sociedade em que o respeito e o cuidado pelos outros.

O desafio do novo milênio “é encontrar meios de obter uma cooperação internacional intercomunitária na qual a diversidade humana seja reconhecida e os direitos de todos sejam respeitados”.

Paz e desarmamento

Em uma entrevista coletiva, Joanna Macy¹⁵⁷ perguntou ao Dalai Lama sobre a questão da Paz no mundo:

“Quando eu olho para a situação global hoje, encontro muitas razões para estar esperançoso. Por causa da ameaça de um holocausto nuclear, mais e mais pessoas percebem que solucionar conflitos por meio da guerra é totalmente inaceitável.[...] Nos últimos anos, conheci vários físicos que

¹⁵⁵ GANDHI (1869-1948) conhecido como Mahatma Gandhi ou Alma Grande .Lutou contra a discriminação racial e a favor da independência da Índia defendendo particularmente o princípio da não-violência.

¹⁵⁶ Tenzin Gyatso: *Uma Ética para o Novo Milênio* ,São Paulo,Sextante,2000

¹⁵⁷ Joanna Macy dedica-se ao estudo do budismo, da teoria de sistemas geral e da ecologia profunda.

*anteriormente haviam feito contribuições significativas a descoberta de armas nucleares , que agora mostram uma preocupação profunda com a Paz”.*¹⁵⁸

A liberdade sempre acaba triunfando sobre a crueldade e opressão. Violência gera violência. A paz do mundo depende da paz do coração das pessoas.

A verdadeira paz é algo mais profundo do que um frágil equilíbrio baseado em mutua hostilidade, se em última análise depende da resolução de conflitos internos.

A injustiça maquia a verdade, sem uma verdade é impossível ter uma Paz duradoura.

Dalai lama¹⁵⁹ apresenta uma proposta ousada no momento em que ele sugere a abolição de armamentos para controlar a paz. Mas isso só é possível com uma sociedade voltada para a espiritualidade e com um auto grau de desenvolvimento humanístico. Ele também sugere que, países ou locais considerados “sagrados” pela humanidade sejam transformados em “Zonas da Paz” internacionalmente conhecidas.

Cabe às Nações Unidas obter uma política suficiente para executar um projeto em nome da comunidade internacional.

Muitos conflitos no mundo são marcados por desavenças religiosas. Os conflitos têm duas origens principais: as diferenças doutrinárias, culturais e práticas entre uma e outra religião.

Conflitos que chegam junto dos contextos políticos, econômicos e outros.

A religião não é pré-requisito, nem para a conduta ética, nem para a própria felicidade.

O esforço que fazemos com sinceridade para nos transformarmos espiritualmente é que nos torna verdadeiros praticantes de uma crença. A religião não deve ser apoio para atitudes autocentradas.

¹⁵⁸ GOLEMAN, Daniel. *Mundos em Harmonia*, São Paulo, Claridade, 2001. p-22

¹⁵⁹ CUTLER, Howard C e Dalai Lama. *A Arte da Felicidade*. São Paulo, Martins Fontes, 2001.

O objetivo da religião como um todo é tornar mais fácil o exercício do amor, da compaixão, da paciência e de todas as qualidades espirituais.

Enquanto não pusermos nossos próprios ensinamentos espirituais, não estaremos praticando. À medida que as reflexões e práticas de outras religiões são relevantes ou úteis à nossa fé, vale a pena aprender com os outros.

Tendo em vista a diversidade de seres humanos, é forçoso que, em meio a milhares de praticantes de uma determinada religião, alguns deles considerem mais satisfatória a abordagem de outra religião à ética e ao desenvolvimento espiritual.

CONCLUSÃO

Nesses 40 anos de exílio o Dalai Lama continua sendo o principal guia dos esforços de libertação do povo tibetano e a voz mais ativa que denuncia a violação dos direitos humanos no Tibet. A sua orientação sempre teve como marco a não-violência.

Ao mesmo tempo em que percebemos a tragédia que se abateu sobre o Tibet, encontramos em seu povo uma extraordinária força revolucionaria política. Um modo de pensar que revoluciona mentes e corações. Um modo de pensar descoberto por nós ocidentais há pouco tempo.

Curioso é que esta filosofia de vida possui aproximadamente dois mil anos de idade tendo a origem no budismo.

A trágica história do Tibet sensibiliza as nações, e o 14º Dalai Lama, apesar de todas as adversidades prega o amor, a paz e a compaixão ao próximo. Sendo uma luta incansável para a libertação do país.

Por mais que o consumismo chinês tivesse razão para condenar a teocracia quase feudal chefiada por Dalai Lamas imersa num sistema milenar de autoritarismo e desigualdades sociais, nada justifica a destruição de um patrimônio cultural, principalmente na Revolução de Mao Tse Tung que arrasou o país, destruiu milhares de mosteiros, e assassinou milhares de tibetanos.

Sob a desculpa de uma igualdade econômica e social trocou-se uma ditadura por outra mais cruel e desumana.

Esse encontro de dois mundos o tibetano tradicional e o Han chinês da modernidade ocidentalidade/orientalidade ao mesmo tempo é que definirá o futuro do país.

Para análises feitas da China Contemporânea utilizei a obra de YVES CHEVRIER, que foca "indissociável" ascensão de um homem: Mao.Comunista

inclassificável, déspota, e eterno rebelde, ele é o pai de uma utopia de consequências trágicas: o maoísmo.¹⁶⁰

Baseado nos preceitos do budismo, fundamentado em “Quatro Nobres Verdades”, o Dalai Lama procura ensinar que cada uma das nossas ações conscientes buscam o desejo da Paz interior e da Felicidade.

Mas, temos uma tendência de valorizar o mundo material como se esse fosse a chave da felicidade. Mas constata-se que as pessoas que moram nos países de grande desenvolvimento material são de certa forma menos felizes que as pessoas de países mais pobres. Entramos na questão da “retórica contemporânea de crescimento e desenvolvimento econômico”, reforça a tendência das pessoas para a competitividade e a inveja.

O homem passou a tratar com descaso a dimensão interior se tornando cada vez mais distante do próximo e de si mesmo.

A proposta do Dalai Lama é recuperar esse amor pelo próximo no sentido de dar respeito e dignidade.

Está aumentando entre as pessoas uma conscientização universal, uma procura pela paz.

O ser humano busca ser feliz e não o sofrimento. Alguns seres humanos se comportam em função de objetivos egoístas, o desenvolvimento da generosidade do coração é um sentimento de solidariedade com nossos semelhantes quer sejam religiosos ou não.

O mundo moderno precisa de Paz, a proposta é que o Tibet seja designado um Estado neutro e de não violência. E a solução final do problema tibetano seria a não transferência da população chinesa para o Tibet, juntamente com o restabelecimento dos direitos humanos fundamentais e das liberdades democráticas.

A filosofia budista prega o desenvolvimento espiritual do indivíduo através dos ensinamentos e dos exercícios diários espirituais.

¹⁶⁰ CHEVRIER, Yves. Mao e a Revolução Chinesa. São Paulo, Ática, 1996.

Os tibetanos cansados de lutar trocaram as armas de destruição por monastérios de sabedoria e é isso que os fazem mais fortes capazes de suportar as maiores atrocidades.

A razão pela busca da religião é que ela oferece uma solução duradoura, coisa que o progresso material não oferece.

O centro dos ensinamentos de Buda é a igualdade entre os seres humanos. Portanto sendo budista ou não devemos todos saber e entender o teor desta mensagem profundamente sábia, pois afinal é uma questão de sobrevivência.

O mundo tem sido alvo de conflitos desde os primeiros povos conhecidos e dos registros de alguns milhares de anos que chegaram até nós, mas a origem ou a razão de tanta violência é pelo menos aparentemente inexplicável, pois, cientistas não consideram um ato "natural" dos seres humanos a destruição da própria espécie.

Cientistas percebem que no intelecto humano não se pode encontrar a verdadeira causa dos seres humanos lutarem entre si e de se matarem. O próprio intelecto foi desenvolvido excessivamente, em detrimento do espírito forçando o ser humano a se preocupar mais com o lado material do que com o espiritual.

E qual é a saída do Tibet? Será que daqui a alguns anos ao pesquisarmos a historia do Tibet encontraremos o país e o povo na mesma situação de mendicância e exploração? Ou acontecerá com os tibetanos a sua total extinção física e cultural (assim como ocorreu com os incas, o maia, os astecas durante o período das descobertas)? Ou será que veremos o Tibet finalmente autônomo ou independente, com seu povo distinto e o que resta de sua tradição e cultura original?

Tudo indica que as respostas para estas perguntas assim como as esperanças do povo tibetano estão nas mãos de um monge de 67 anos, de risada contagiante.

Nesses quarenta anos de exílio, o Dalai Lama fez com que o Ocidente olhasse para o Tibet, e muito do apoio que os tibetanos tem hoje se deve ao seu trabalho e carisma. Mas, ao mesmo tempo que o Tibet está sendo apoiado pela comunidade internacional, ele passa por um momento de crise. Porque em termos de política externa nada mudou e entre os tibetanos existe um sentimento de apatia e desilusão.

Muitos vêem o Tibet como uma causa perdida. Mas, isso implicaria em afirmar que a China seja totalmente imune à pressão internacional, o que não é verdade. Mas para que haja uma medida efetiva com relação à libertação do país é preciso que os interesses humanos superem os interesses comerciais. E, no momento o mundo continua dando prioridade aos interesses econômicos.

Procurando analisar o campo das mentalidades e o campo da cultura busquei o acontecimento histórico analisando-o nas suas múltiplas relações com o passado, com o presente e com o futuro, pensando sempre no impacto que ele trouxe ao mundo, em particular o que isso pode influenciar na nossa cultura.

“O estudo das mentalidades, longe de ser um empreendimento mistificador, torna-se limite, um alargamento essencial no campo da pesquisa. Não como um território estrangeiro, exótico, mas como o prolongamento natural e a ponta fina de toda a história social”¹⁶¹

¹⁶¹ VOVELLE, Michel. *Ideologias e Mentalidades*. São Paulo. Presença .p 57

BIBLIOGRAFIA

- GOLEMAN, Daniel. *Mundos em Harmonia*. São Paulo, Claridade, 2001.
- CHEVRIER, Yves. *Mao e a Revolução Chinesa*. São Paulo, Ática, 1996.
- VOVELLE, Michel. *Ideologias e Mentalidades*. São Paulo, Presença, 1988.
- SANTIDRIAN, Pedro R. *Dicionário Básico das Religiões*. São Paulo, Santuário, 1996.
- GYATSO, Tenzin. *Minha Terra e Meu Povo*. São Paulo, Palas Athena, 1988.
- GYATSO, Tenzin. *Uma Ética para o Novo Milênio*. São Paulo, Sextante, 2000.
- GYATSO, Tenzin. *O livro da Sabedoria*. São Paulo, Martins, 2000.
- GYATSO, Tenzin. *Transformando a Mente*. São Paulo, Sextante, 2000.
- BEZERRA, Holien Gonçalves. *A Revolução Chinesa*. São Paulo, Atual, 1987.
- FLEISMAN, Jeffrey. *Fuga no Tibet*. PHILADELPHIA INQUIRER MAGAZINE (15 DEZ 96)
- HAESBAERT, Rogério. *China :Entre o Oriente e o Ocidente*. São Paulo, Ática, 1994.
- SKOCPOL, Theda Skocpol. *Estados e Revoluções Sociais*, Presença, São Paulo, 1979.
- BRAUDEL, Fernand. *Gramática das Civilizações*. São Paulo, Martins Fontes, p. 1988.
- MORTON, W. Scott. *China História e Cultural*, Rio de Janeiro, Zahar, 1986.
- GOVINDA, Anagarika. *El Camino de las Nubes Blancas*. Espanha, Madrid, Editorial Eyras, 1981.
- REIS FILHO, Daniel Aarão. *A Construção do Socialismo na China*, São Paulo, Brasiliense, 1981.
- BEZERRA, Holien Gonçalves. *A Revolução Chinesa*. São Paulo, Atual, 1987.
- CHEVRIER, Yves. *Mao e a Revolução Chinesa*. São Paulo, Ática, 1996.
- SACHS, Eric. *Qual a Herança da Revolução Russa?* Rio de Janeiro, Editora Zero, 1985.
- GALBRAITH, John. *A Era da Incerteza*. São Paulo, Pioneira, 1986.
- HOBBSBAWM, Eric. *Era dos Extremos*. São Paulo, Companhia das Letras, 2000.
- TRAGTENBERG, Mauricio. *A Revolução Russa*. São Paulo, Atual, 1988.
- NORBU. *Ortherness and the modern tibetan identity*. Himal [Himalayan Magasin], Lalitpur, Nepal, May/Jun. 1992.

TANG DA XIAN,"*Events in Lhasa March 2nd-10th-1989*",London,TIN,15 de junho 1990.

KENNEDY,P.*Ascensão e queda das grandes potências*.Rio de Janeiro,Campus,1989.